

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

EDUARDA CRICCO MIRANDA BARCELOS GRIPP

**SIMBOLISMOS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS: REDESCOBRINDO A RUA DA
LAMA DA DÉCADA DE 1980**

VITÓRIA

2015

EDUARDA CRICCO MIRANDA BARCELOS GRIPP

**SIMBOLISMOS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS: REDESCOBRINDO A RUA DA
LAMA DA DÉCADA DE 1980**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof. Dra. Leticia Dias Fantinel

Vitória

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Gripp, Eduarda Cricco Miranda Barcelos, 1981-
G868s Simbolismos, memórias e narrativas : redescobrimo a Rua
da Lama da década de 1980 / Eduarda Cricco Miranda Barcelos
Gripp. – 2016.
92 f. : il.

Orientador: Letícia Dias Fantinel.
Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e
Econômicas.

1. Simbolismo nas organizações. 2. Memória. 3. Entrevistas.
4. Rua da Lama (Vitória, ES). I. Fantinel, Letícia Dias. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 65



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PPG
ADM**

Programa de
Pós-Graduação
em Administração

UFES

Mestrado e Doutorado

Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas

Programa de Pós-Graduação em
Administração

Av. Fernando Ferrari, 514 – Campus

Universitário – Goiabeiras

CEP. 290075-910-ES-Brasil-Telefax (27)

3335.7712

E-Mail ppgadm@gmail.com

www.ppgadm.ufes.br

**“Simbolismos, Memórias e Narrativas: Redescobrimos a
Rua da Lama da Década de 1980”**

Eduarda Cricco Miranda Barcelos Gripp

*Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Administração da
Universidade Federal do Espírito Santo
como requisito parcial para obtenção do
Grau de Mestre em Administração.*

Aprovada em: 15/02/2016

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Dra. Letícia Dias Fantinel

Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Dr. César Augusto Turcato de Moraes

Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Dr. Gelson Silva Junqueira

Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Dra. Josiane Silva de Oliveira

Universidade Estadual de Maringá

Ao meu avô Miranda.

AGRADECIMENTOS

O Mestrado Acadêmico para mim foi como um empreendimento. Ou pode chamar de um projeto. E como todo projeto foi planejado e executado por partes. Então vamos por parte. Antes mesmo de fazer a prova da Anpad, foi minha amiga Camila quem generosamente me entregou, em mãos, o material para preparo dessa prova. Camila Dalla, começo agradecendo à você por todo incentivo e ajuda no começo dessa minha jornada. Deixo registrado aqui todas as dicas valiosíssimas recebidas da minha querida amiga Clara e sua mãe, Professora Neide Maria de Oliveira, a elas meu muito obrigada.

Publicado a aprovação, agradeço à querida Adriana Gonçalves do PPGADM por toda dedicação a nós alunos, paciência para nos explicar todas as normas do programa e principalmente, por seu carinho diário conosco. À FAPES por me possibilitar o recebimento de bolsa de estudo. À minha turma, especialmente representado por Fabiana Domingues, que, ao longo desses quase dois anos, se tornou uma parceira. E todos os outros da nossa sala de estudo por compartilhar dias, tardes, lanches e conversas sobre a vida acadêmica e às vezes sobre a vida externa à academia.

Finalmente chego a Professora Letícia, minha orientadora. Antes de agradecer à Dra. Letícia Dias Fantinel, preciso agradecer a Deus por tê-la colocado no meu caminho. Isso diz tudo, porque acredito que não seja sorte. É mais que sorte, só pode ter sido Deus. Letícia, a você minha eterna gratidão. Agradeço também a todos os professores do PPGADM/UFES, em especial ao Prof. Dr. Gelson Junquilha e Dr. César Tureta por aceitarem contribuir com esse trabalho, como membros da banca. E a Profa. Dra. Josiane Oliveira, da Universidade Estadual de Maringá, por aceitar compor minha banca de defesa.

Preciso deixar registrado aqui meus agradecimentos sem fim aos meus irmãos André e Lorena, meus familiares e amigos pela compreensão de todas as ausências, ou melhor, pela falta de presença nesses dois anos de estudo e dedicação intensos. Finalmente chego à minha mãe Marília e ao meu marido Percy.

Sem eles não conseguiria chegar até aqui. Minha mãe por dedicação e carinho ilimitados a mim, de modo literal e integral: cama arrumada, mesa posta e banho pronto. Estendo o agradecimento ao meu pai, Edu, que nos deixou cedo, mas onde quer que esteja, está muito feliz. E ao Percy por todo suporte emocional, incentivo e apoio incondicionais. Registro um agradecimento a Eduardo, meu filho, que se comportou muito bem dentro da barriga esses sete últimos meses de Mestrado, participando intensamente de todos os momentos.

Finalizo explicando a dedicação desse trabalho ao meu avô Miranda (juntamente com minha querida avó Maria) por ele ter escolhido, há quase 60 anos, um lugar para viver com a família e que hoje se tornou parte da Rua da Lama, meu objeto de estudo. O fato de ter crescido nas redondezas despertou em mim uma curiosidade de estudar o passado desse espaço. A mim só me resta a gratidão e felicidade por finalizar esse empreendimento tão importante da vida.

O que a memória ama, fica eterno.

Adélia Prado.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo revelar aspectos simbólicos relacionados ao passado de um espaço na cidade de Vitória/ES, a Rua da Lama, a partir de pessoas que a frequentaram na década de 1980. Esta década foi escolhida por se tratar do início dessa região emblemática na cidade, que até hoje permanece sendo um ponto de encontro de lazer das pessoas. O que torna tal espaço contemporâneo e muito frequentado dentro da cidade. O estudo buscou relacionar os aspectos simbólicos de tal espaço, manifestados nas memórias presentes nas narrativas de seus antigos frequentadores. O objeto de pesquisa, composto por diferentes tipos de organizações, foi definido como espaço organizacional. Devido à complexidade do tema, buscou-se um aporte interdisciplinar dentro dos Estudos Organizacionais, abarcando as Ciências Sociais, História e o referencial de memória na Administração. Para o empreendimento, à luz de uma abordagem interdisciplinar nos Estudos Organizacionais, foi desenvolvida uma pesquisa de cunho qualitativo, utilizando a técnica de entrevistas narrativas para a coleta dos dados, gerando um conteúdo denso, que foram transcritas para posterior análise. Esse tipo de entrevista permitiu a pesquisadora entender de forma mais profunda o universo pesquisado. Após a coleta dos dados, o tratamento foi feito através da análise de conteúdo com as categorizações *a posteriori*. O período de coleta de dados se deu de maio a outubro de 2015, no qual foram realizadas oito entrevistas narrativas. Como resultado, foram encontradas três categorias seguindo um percurso temático, nomeadas por: O rock da Lama; As diferentes relações simbólicas com o espaço da Lama da década de 1980 e A Rua da Lama como um espaço de transgressão. A reflexão deu conta dos diferentes usos do passado para a reapropriação dos espaços simbólicos.

Palavras-chave: simbolismo organizacional; memória organizacional; narrativa; Rua da Lama.

ABSTRACT

This research aimed to reveal symbolic aspects related to the past of a place in the city of Vitória/ES, Rua da Lama, from people who attended in the 1980s. This decade was chosen because it was the beginning of this emblematic region in the city, which even today remains a point of people meetings and leisure time. It makes this space contemporary and very popular in the city. The study sought to relate the symbolic aspects of such space, manifested in the memories present in the narratives of old goers. The search object nowadays, comprising different types of organizations, here was define as an organizational space. Due to the complexity of the issue, it sought an interdisciplinary contribution within the Organizational Studies, spanning the Social Sciences, History and memory reference in the Administration. For the research, in the light of an interdisciplinary approach in Organizational Studies, was developed a qualitative research, using the technique of narrative interviews for data collection, creating a dense content, which were transcribed for further analysis. This type of interview allowed the researcher to understand more deeply the universe surveyed. After collecting the data, the treatment was done by content analysis with back-categorizations. The data collection period took place from May to October 2015, and was realized eight narrative interviews. As a result, three categories were found following a thematic route, appointed by: Rock of Lama; The different symbolic relations of Rua da Lama in 1980's and Rua da Lama as a transgression space. The reflection realized the different uses of the past for the re-appropriation of symbolic spaces.

Keywords: organizational symbolism; organizational memory; narrative; Rua da Lama.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - QUADRO DOS QUATRO PARADIGMAS PARA A ANÁLISE DA TEORIA SOCIAL.....	28
FIGURA 2 - QUADRO DE APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS E CÓDIGOS PARA ANÁLISE DOS DADOS.....	52
FIGURA 3 - QUADRO DE APRESENTAÇÃO DOS EIXOS TEMÁTICOS PARA FINS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	55
Figura 4 - Mapa da Avenida Anísio Fernandes Coelho, no ano de 2003.....	57

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO	13
1.2	OBJETIVOS, QUESTÃO DE PESQUISA E PROBLEMATIZAÇÃO	19
1.3	JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA	22
2	REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1	O CAMPO DE ESTUDOS DO SIMBOLISMO ORGANIZACIONAL	27
2.3	MEMÓRIAS E NARRATIVAS: ABORDAGENS HISTÓRICAS DAS ORGANIZAÇÕES	34
3	O MÉTODO DE PESQUISA	41
3.1	ENTENDENDO A RUA DA LAMA, O LÓCUS DE PESQUISA	47
3.2	A PESQUISADORA E O CAMPO	49
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	54
4.1	A LAMA DOS ANOS 80	56
4.2	O ROCK DA LAMA: PONTO DE ENCONTRO, CULTURA, MÚSICA E POESIA – A ROMANTIZAÇÃO DO ESPAÇO	60
4.3	AS DIFERENTES RELAÇÕES SIMBÓLICAS COM O ESPAÇO DA LAMA NA DÉCADA DE 1980: "ERA COMO SE FOSSE UM TERRITÓRIO LIVRE"	68
4.4	RUA DA LAMA COMO UM ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO: "A GENTE VIVIA UM WOODSTOCK TODA SEMANA"	76
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
6	REFERÊNCIAS	88
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	92
	APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA	93

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O campo dos Estudos Organizacionais notoriamente ampliou suas fronteiras nas últimas seis décadas. Essa ampliação se deu principalmente devido ao desenvolvimento de diferentes linhas de pesquisa na área de Administração que privilegiaram a interdisciplinaridade. Ao longo desse período os estudos permitiram, igualmente, uma maior fluidez nas diferentes maneiras de se estudar a ciência da Administração e as organizações (BURRELL, 1999; CLEGG; HARDY, 1999; SARAIVA; CARRIERI, 2007).

O mapeamento de paradigmas proposto por Burrell e Morgan (1979), considerado clássico na área, contribuiu epistemologicamente e ontologicamente com o desenho desse campo de pesquisa. Assim, desenvolvem-se novos tipos de abordagens e diferentes modelos para os estudos na área, pois o foco no desempenho organizacional, tradicionalmente atribuído aos estudos de cunho funcionalista, não dava mais conta de explicar a diversidade de diferentes olhares que surgiram durante esse tempo (CLEGG; HARDY, 1999; SARAIVA; CARRIERI, 2007).

É importante destacar que esse modelo possibilitou uma sistematização do campo de maneira mais ampla. Contudo, ressalta-se que o mapeamento proposto pelos autores é defendido como um dispositivo heurístico e não como um conjunto de definições rígidas. O modelo não é propriamente um marco para o surgimento de novas pesquisas na área, mas sim permite possíveis "enquadramentos". Todavia, há pesquisas que não se enquadram perfeitamente em um dos quatro paradigmas, mas isso não significa que sejam menos relevantes: suas contribuições são tão importantes quanto as que ficam raízes em qualquer um deles (BURRELL; MORGAN, 1979; BURRELL, 1999; CLEGG; HARDY, 1999; SARAIVA; CARRIERI, 2007).

Dentre as diferentes abordagens desenvolvidas no campo dos Estudos Organizacionais e mapeadas pelos referidos autores, encontram-se as pesquisas com foco no simbolismo organizacional, baseadas, principalmente, no paradigma interpretativo. Tal paradigma se ocupa em compreender a natureza fundamental do mundo social com base em experiências subjetivas. O interpretativismo enxerga tal mundo social como um processo social emergente que é criado pelos indivíduos. Dessa forma, destina-se à explicação dentro do domínio da consciência individual e também do campo da subjetividade (BURRELL; MORGAN, 1979).

O paradigma interpretativo tem relação direta com o tema do simbolismo. Para Morgan, Frost e Pondy (1983), as organizações são, por sua própria natureza, entidades simbólicas. O simbolismo é caracterizado por permear as relações humanas e se torna uma possível lente na observação e na busca do entendimento das interações sociais dentro e fora das organizações. Os modelos gerenciais simplificam a natureza das organizações, criando um foco sobre os seus aspectos formais e entendidos como racionais, ao invés de focar nos padrões complexos do caráter da atividade humana (SARAIVA; CARRIERI, 2008).

Dessa forma, os membros inseridos em uma organização são capazes de usar a linguagem, de produzir e interpretar metáforas, bem como são capazes de criar significado para eventos, comportamento e objetos. Assim, podem agir simbolicamente. Esta capacidade simbólica é reforçada pela associação em organizações formais, para que desenvolvam uma história, de um ponto de vista comum e uma necessidade de processar tal complexidade através de meios simbólicos (MORGAN; FROST; PONDY, 1983).

Paralelamente aos estudos de simbolismo, estão os estudos em cultura e cultura organizacional. Ressalta-se, logo, que a ótica do simbolismo não é a única que norteia os estudos em cultura organizacional. No meio acadêmico, há diferentes focos de estudos na abordagem desse tema, como, por exemplo, as pesquisas de cultura organizacional de cunho funcionalista. Na dimensão simbólica, cabe lembrar que a cultura é considerada “uma construção e desconstrução social das pessoas que participam das organizações” (CARRIERI; CAVEDON; LEITE-DA-SILVA, 2008, p. 9).

Nesse contexto, sob a ótica de cultura, os elementos simbólicos, o uso da linguagem e os discursos, os aspectos cognitivos e emocionais presentes nas organizações são analisados a partir de uma lente que concebe as organizações como mundos sociais. Nessa perspectiva simbólica, a noção de cultura é vista como uma metáfora, de forma que as organizações sejam compreendidas como teias de interações humanas através das quais são construídos e reconstruídos os significados simbólicos presentes na própria cultura. Portanto, cultura pode ser relacionada a identidades, valores ou, ainda, crenças presentes nos diversos tipos de organização (CAVEDON, 2008; CARRIERI; CAVEDON; LEITE-DA-SILVA, 2008). Na medida em que se considera a legitimidade e importância da visão da cultura como metáfora dentro da ótica do simbolismo organizacional, esta pesquisa faz uso de tal perspectiva, identificando-se com os estudos de cunho interpretativo.

Associada aos temas simbolismo, cultura e cultura organizacional foi aqui relacionada uma dimensão conceitual que trata da memória, especialmente no âmbito das organizações. Contudo, é válido lembrar que a discussão acerca de memória, assim como a de cultura, também é interdisciplinar, visão que se buscou atender ao longo deste trabalho. A memória aqui foi acessada através das narrativas dos sujeitos de pesquisa, na forma de entrevistas narrativas.

O tema de memória é debatido principalmente no campo da História e atualmente encontra lugar no campo dos Estudos Organizacionais de forma desafiadora. O desafio depara-se na forma do funcionamento da Administração e encontra-se na amplitude da definição do conceito de memória (COSTA; SARAIVA, 2011). Este conceito se amplia quando se parte da premissa de que a memória está no presente, mas pertence ao passado (NORA, 1993), bem como na consideração de que não existem somente memórias individuais, e sim, memórias sociais e coletivas (HALBWACHS, 2006).

Além disso, outra concepção marcante para o fenômeno diz respeito ao fato de que a memória não é neutra: quando se fala em passado, fala-se em atribuição de valor àquilo que se lembra e àquilo que se esquece (COSTA; SARAIVA, 2011; ROWLINSON; CASEY; HANSEN; MILLS, 2014). Ressalta-se, ainda, que a memória pode estar em permanente construção através das experiências vividas, gerando a qualquer momento novos significados e simbolismos em relação às histórias do

passado (NORA, 1993; HALBWACHS, 2006). A memória pode ajudar na elaboração do mundo bem como sustentar uma determinada realidade. Assim, pode-se trazer tal construto para o campo dos Estudos Organizacionais e tratá-lo a partir de uma determinada realidade organizacional (COSTA; SARAIVA, 2011).

Neste contexto, apropriar-se do conceito de memória na discussão teórica, significa dizer que esta pesquisa resgatou uma perspectiva historiográfica (COSTA; SARAIVA, 2011). Segundo Barros e Carrieri (2015), a História permite novos olhares no campo dos Estudos Organizacionais. Esses autores discutem a aproximação desses dois campos do conhecimento, destacando as potencialidades a partir do cotidiano de pessoas comuns. Assim, o enfoque historiográfico nesta pesquisa buscou desenvolver uma relação mais próxima com o passado (SOARES; FISCHER, 2010; COSTA; SARAIVA, 2011).

Conclui-se, assim, que não é recente o tempo em que a Administração faz uso de correntes advindas de outras áreas do conhecimento, tais como Antropologia, Sociologia, História, Psicologia, entre outras. Logo, para os estudos de fenômenos organizacionais é possível buscar aportes teóricos e metodológicos também em outras áreas (BARROS; CARRIERI, 2015). Portanto, esta pesquisa buscou referências em outras áreas a fim de ter o embasamento necessário para algumas discussões.

Voltando-se os olhos para as diferentes configurações de organizações contemporâneas, inserem-se as empresas relacionadas à alimentação: os bares, restaurantes e lanchonetes. Tais organizações são destinadas ao atendimento do público em geral, com abastecimento de comidas e bebidas, e fazem parte do cotidiano de muitos administradores no contexto brasileiro. Segundo os dados da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes, a ABRASEL (2015), no ano de 2013, esse setor possuía cerca de um milhão de empresas no país, as quais geram mais de seis milhões de empregos diretos. Representa atualmente 2,7% do PIB brasileiro.

Também segundo a Associação Brasileira de Indústrias da Alimentação, a ABIA (2015) o setor de *food service* teve faturamento, também em 2013, de mais de 100 bilhões de reais. Esses dados mostram a representatividade e importância desse

setor na economia brasileira e corroboram a importância das produções científicas nesses tipos de organizações.

Não obstante, o lócus dessa pesquisa compõe-se de um espaço inserido dentro do contexto urbano de bares, restaurantes e lanchonetes. Embora venha sofrendo alterações em sua conformação física no decorrer dos anos, desde sua formação no início da década de 1980, foi e continua sendo um espaço contemporâneo na cidade. É considerado contemporâneo por existir há mais de 30 anos e continuamente, ser frequentado, especialmente, por jovens da cidade, contando com diferentes opções de lazer noturno. Ao considerar essas características, esse lócus torna-se interessante e importante pesquisá-lo sob um olhar interpretativista. Incluindo ainda a memória para entendimento dos simbolismos que os permeavam no início de sua formação.

O espaço estudado é conhecido pelo nome de Rua da Lama ou simplesmente Lama. Nesta pesquisa, por estudar o passado do espaço, neste caso a década de 1980, foi descrito de acordo com o relato dos participantes conforme o item 4.1. No item 3.1, a própria pesquisadora faz uma descrição da Lama de acordo com sua observação de campo. Destaca-se que o objeto estudado não existe mais fisicamente, ele está presente somente na memória de antigos frequentadores.

Atualmente ele é composto por inúmeros tipos de organizações, dos mais variados segmentos, desde alimentação, diversão, lazer como também serviços e comércio em geral. No passado, entretanto, era bem diferente. De acordo com as narrativas coletadas, a Rua da Lama se iniciou com apenas um bar e foi crescendo aos olhos dos frequentadores e moradores da região. Passados mais de 30 anos desde o surgimento do primeiro bar, a Rua da Lama é conhecido e reconhecido como um espaço de sociabilidade e lazer na cidade de Vitória.

O conceito de espaço nesta pesquisa foi utilizado junto ao termo organização, como sendo um espaço organizacional. O espaço é uma categoria debatida em diferentes campos acadêmicos, tendo seu conceito diversos significados. Aqui foi utilizado junto com o contexto da sociedade. Para Santos (2002), o espaço sofre modificações pela sociedade que o cerca. O conceito de organização é sob o olhar simbólico. De acordo com Turner (1990), uma vez que a organização é uma criação dos seres humanos é possível relacionar a ela os aspectos da própria vida humana.

A partir de tais conceitos, considerou-se o lócus dessa pesquisa um espaço organizacional.

A categoria espaço está presente em debates acadêmicos das mais diversas áreas do conhecimento, por esse motivo, seus conceitos acompanham essa diversidade. Como definição, essa categoria passou por muitas modificações, principalmente devido às mudanças ocorridas na própria da sociedade. Portanto, sob essa ótica, considera-se que os conceitos de espaço e sociedade estão diretamente ligados (SANTOS, 2002).

Da mesma maneira, as transformações sociais influenciam diretamente nos significados atribuídos à categoria espaço. Para Santos (2002), o espaço é um elemento usado pelos seres humanos como uma forma de se localizarem no mundo e manterem uma relação com ele. Destarte, pode-se considerar o espaço a partir de um fenômeno que utiliza um jogo simbólico criado e transformado pela sociedade, que, por sua vez, tem, por objetivo, existir. Espaço, deste modo, seria uma ferramenta de sistematização do que existe (SANTOS, 2002).

Já o termo organização, sob a ótica da perspectiva simbólica, pode ser definido por: “uma criação humana e todos os aspectos da vida e seus pensamentos podem, potencialmente, ser trazidos à luz de suas atividades”, e mais, “se as ações humanas e relacionamentos são mais do que comunicação, comando e controle, então essas ações são organizações” (TURNER, 1990, p. 3, tradução nossa). Cabe aqui destacar que, mesmo que a intenção não seja esgotar as definições de espaço e organização, pois se reconhece a complexidade de tais expressões, faz-se uma opção conceitual por considerar o lócus desta pesquisa como um espaço organizacional.

Dessa forma, junto ao conceito de espaço organizacional considerado acima e o dado o contexto já explicitado, esta pesquisa, então, parte do pressuposto de que os pilares teóricos aqui selecionados como o simbolismo e a memória viabilizam uma expansão nas possibilidades de pesquisa em Administração. Estudos empíricos que utilizam essas abordagens podem contribuir para o avanço do conhecimento na área de Administração, evidenciando e interpretando fenômenos em diferentes contextos organizacionais.

Assim, a discussão travada na dissertação envolveu o processo de construção social dos significados que permeiam um lócus organizacional específico composto por bares, lanchonetes e restaurantes, conforme será apresentado na seção seguinte. Assim, no entendimento de que o simbolismo e a memória lançam um importante olhar para os Estudos Organizacionais, no próximo tópico estão os objetivos do projeto, bem como a questão de pesquisa e sua problematização.

1.2 OBJETIVOS, QUESTÃO DE PESQUISA E PROBLEMATIZAÇÃO

À luz de uma perspectiva interdisciplinar dentro do campo dos Estudos Organizacionais, esta pesquisa tem como problema de pesquisa a seguinte questão, que se dá no contexto de construção social de uma região emblemática na cidade de Vitória/ES, a chamada Rua da Lama: “Como aspectos simbólicos relacionados à Rua da Lama se manifestam nas memórias presentes nas narrativas de sujeitos que a frequentaram durante a década de 1980?”.

Assim, para que seja respondida a questão central do trabalho aqui proposto, construiu-se o seguinte objetivo geral: compreender a manifestação de aspectos simbólicos relacionados à Rua da Lama através das memórias e das narrativas de sujeitos que a frequentaram durante a década de 1980. A consecução de tal objetivo permitiu entender os significados hoje atribuídos ao espaço da época, significados esses fundamentais para a compreensão dos significados que permeiam a Rua da Lama nos dias de hoje.

Considerou-se importante, portanto, identificar os aspectos simbólicos presentes nas narrativas que foram analisadas, bem como interpretar esses significados à luz do contexto cultural do referido espaço e do referencial teórico que compõe este trabalho. Assim, para contribuir com o alcance do objetivo geral, foram observados os seguintes objetivos específicos:

- a. Identificar os aspectos simbólicos manifestados nas narrativas de antigos frequentadores desse espaço organizacional (seja como cliente ou como trabalhador), especificamente durante a década de 1980;
- b. Analisar as homogeneidades e heterogeneidades presentes nos aspectos simbólicos encontrados nas narrativas coletadas ao longo da pesquisa.
- c. Interpretar as contradições e ambiguidades manifestadas nas narrativas dos participantes da pesquisa à luz do referencial teórico utilizado;

A fundamentação teórica para tratar do interpretativismo e simbolismo organizacional partiu de estudos clássicos de pesquisadores como Morgan, Frost e Pondy (1983) e Turner (1990), buscando, a partir dessas leituras consideradas clássicas no campo, atualizar o estado da arte para discussões contemporâneas na área. Dos autores nacionais, foram utilizadas referências principalmente de Saraiva e Carrieri (2007).

Por considerar que os temas cultura e cultura organizacional estão profundamente imbricados ao tema do simbolismo, buscou-se nesses temas o aporte necessário para a apreensão e interpretação dos símbolos. Dessa forma, esta pesquisa abrangeu tais temas com o principal intuito de se ter uma contextualização cultural da época em que se baseiam as narrativas e os significados identificados e interpretados.

Para tanto, a definição de cultura foi buscada com bases na Antropologia e Sociologia, principalmente em Geertz (1989) e Cuche (2002). Para abordar cultura organizacional foram utilizados autores nacionais como Cavedon (2008), Carrieri, Cavedon e Leite-da-Silva (2008), Fantinel e Cavedon (2010), bem como autores internacional como Smircich (1983), Morgan (2006) e Martin e Frost (2012). Nesta pesquisa, o conceito de cultura é abordado sob um olhar que confere o aporte necessário para “compreender a realidade social e organizacional a partir de aspectos históricos e em seus múltiplos significados” (CARRIERI; CAVEDON; LEITE-DA-SILVA, 2008, p. 9).

O espaço de referência para as narrativas que foram coletadas nesta pesquisa, doravante chamado lócus do estudo, é conhecido pelo nome de Rua da Lama, e aqui foi abordado como espaço organizacional (que nesta pesquisa foi estudado sob

um determinado período de sua história). Para tanto, viu-se a necessidade de conceituar a expressão espaço organizacional, no sentido de elucidar a Rua da Lama como tal, conforme feito no item anterior.

Contemporaneamente, a Rua da Lama é muito conhecida na cidade, inclusive sendo destacada pelo poder público como ponto de encontro de pessoas (VITÓRIA [município], 2015). A escolha do lócus se deu a partir de um interesse da professora orientadora desta pesquisa, sobre espaços de alimentação e sociabilidade na cidade e que, por coincidência, faz parte da história da pesquisadora, que morou grande parte da sua vida em suas proximidades.

Tal vivência contribuiu para o interesse nessa pesquisa de cunho historiográfico, permitindo, através das narrativas dos sujeitos participantes, o acompanhamento da transformação desse lócus, que se expandiu fisicamente através da instalação de diversos bares, lanchonetes e restaurantes, entre outros tipos de organizações. A década de 1980 foi escolhida por ser o início de formação de tal espaço na cidade, a partir de relatos feitos por antigos frequentadores, que se tornaram informantes, no início da pesquisa.

Como resultado da convergência de preocupações de pesquisa e vivências pessoais, concretizou-se um entusiasmo imediato por tais temas e local de pesquisa. Particularmente, isso se deu na medida em que o estudo buscou resgatar os aspectos simbólicos percebidos através de memórias captadas pelas narrativas de pessoas que ali frequentaram, em um determinado tempo. Um tempo no passado que só existe na memória das pessoas que a frequentaram.

Nesse sentido, cabe destacar que este tipo de temática reveste-se de importância para o campo. Segundo Turner (1990), uma pesquisa pode buscar em um determinado tempo e espaço do passado, desvendar os aspectos simbólicos que ali ocorreram. Morgan, Frost e Pandy (1983), ressaltam que os processos simbólicos dão forma e sentido à vida humana e que, através dos padrões de atividades culturais, são produzidos e reproduzidos os significados que permeiam uma dada realidade.

Ao recorrer à memória para questões do âmbito de formação de um espaço organizacional, Chanlat (1996, p. 31) corrobora com esta ideia afirmando que “toda e

qualquer coletividade tem memória de um passado”. Já para o referencial de simbolismo organizacional, o sentido de organização se amplia junto com a noção ontológica desse termo, ampliação essa que permite uma “visão organizacional mais humanizada, condizente com a Administração – uma Ciência Social Aplicada” (SARAIVA; CARRIERI, 2007, p. 2).

Para que sejam evidenciados os simbolismos relacionados à Rua da Lapa, foram levadas em consideração as memórias construídas pelos participantes da pesquisa. Para um melhor embasamento de tais análises foram utilizadas referências de autores considerados clássicos no âmbito das Ciências Humanas e Sociais como Nora (1993), Halbwachs (2006), Certeau (2007).

Também foram mobilizados autores dentro dos Estudos Organizacionais que tratam sobre memória, como os nacionais Costa e Saraiva (2011), Barros e Carrieri (2015) e internacionais como Rowlinson et al. (2014), entre outros. Tais pesquisas ajudaram na compreensão do complexo processo das relações (tanto organizacionais quanto humanas) que se deu em um determinado tempo e espaço do lócus desta pesquisa.

Esta pesquisa, assim, corrobora a ideia de que não há apenas uma noção monolítica de espaço ou tempo, mas sim que tais noções são construções sociais que sofrem transformações. O espaço, dessa maneira, é composto de diferentes significados que são gerados e modificados continuamente através das experiências as quais os atores vivenciam nele (NORA, 1993; CHANLAT, 1996).

1.3 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA

A pesquisa partiu da premissa de que as organizações se compõem de espaços onde acontecem experiências humanas e que possuem características marcadas pelo simbólico. As interações entre as pessoas acontecem na medida em que o ser humano se constrói na relação com o outro. Nos últimos dois séculos, após transformações globais ocorridas em âmbitos tanto econômicos, quanto sociais, políticos e culturais em diversas sociedades, pode-se afirmar que também as

organizações tornaram-se objetos de reflexões e mudanças (CHANLAT, 1996; SARAIVA; CARRIERI, 2007).

Assim, de forma geral, pode-se destacar também a dimensão cultural como processo da realidade, em uma realidade socialmente construída (BERGER; LUCKMANN, 2003). Essa realidade é permeada pela subjetividade das pessoas, ferramenta de legitimação da realidade.

Ao basear-se em autores como Morgan, Frost e Pandy (1983) e Turner (1990), considera-se que as organizações são formadas por pessoas que interagem simbolicamente entre si. Isto posto, esta pesquisa justificou-se pela premissa acima descrita, de que as organizações são formadas por pessoas que interagem por meio simbólico. Nesse contexto, o esforço aqui foi no sentido de compreender como esses significados foram e continuam sendo construídos e reconstruídos em relação a um determinado espaço, que segue sofrendo transformações até os dias de hoje. O início de formação desse espaço organizacional na cidade foi marcado por símbolos que foram compartilhados por seus frequentadores da época e nesse sentido essa pesquisa tornou-se importante, pois resgata tais memórias do passado. Destaca-se que desde a formação até os dias atuais se passaram 30 anos e os sujeitos que foram entrevistados, os quais são antigos frequentadores, não estarão disponíveis no futuro. Dessa forma, assim como as próprias pessoas, as memórias das vivências sobre o início de formação da Lama, também irão se perder no futuro.

Os significados produzidos e reproduzidos, bem como as transformações ocorridas ao longo do tempo nesse espaço, tornam a Rua da Lama contemporânea na cidade. Este espaço vem sendo expandido fisicamente, ao incorporar novas organizações e que pode constituir um campo de trabalho tanto para pesquisadores quanto para gestores. Portanto, sob esse aspecto de transformação ao longo do tempo, tornam-se necessários e importantes os estudos acerca do entendimento dos significados construídos a partir das interações e vivências ocorridas nesse lócus de pesquisa.

Ainda sobre a importância de manter registradas as memórias de antigos frequentadores e antigos trabalhadores do espaço, relacionando os símbolos que eram compartilhados no início de sua formação, segundo Nora (1993, p. 13-14) pode-se fazer uma relação de memória e lugar através de um apego marcado pelo simbólico. Nas palavras do autor:

Memória que nos pressiona e que já não é mais nossa, entre a dessacralização rápida e a sacralização provisoriamente reconduzida. Apego visceral que nos mantém ainda devedores daquilo que nos engendrou, mas distanciamento histórico que nos obriga a considerar com um olhar frio a herança e a inventariá-la. Lugares salvos de uma memória na qual não mais habitamos, semioficiais e institucionais, semiafetivos e sentimentais; lugares de unanimidade sem unanimismo que não exprimem mais nem convicção militante nem participação apaixonada, mas onde palpita ainda algo de uma vida simbólica.

Dessa forma, esse lócus que vem sendo objeto de estudo em pesquisas acadêmicas dentro e fora dos Estudos Organizacionais (PANDOLFI; CALIMAN; VASCONCELOS; RAINHA, 2009; DRUMOND; FANTINEL, 2015; DOMINGUES, GRIPP; FANTINEL, 2015), sendo analisado sob a perspectiva simbólica aqui proposta, oferece respostas e caminhos interessantes para o campo de pesquisa na Administração. Segundo Morgan, Frost e Pandy (1983) a perspectiva simbólica desempenha um papel legítimo e importante na análise organizacional. Assim, com a cultura como pressuposto simbólico, construiu-se uma possível forma de entender o que se passa com as organizações e com as pessoas que dela fazem parte.

Além disso, discussões acerca de memória organizacional vinculadas a estudos de memória social, coletiva e cultural com enfoque historiográfico, possibilitam novos caminhos a serem seguidos na Administração e principalmente nos Estudos Organizacionais (ROWLINSON, 2010; COSTA; SARAIVA, 2011; BARROS; CARRIERI, 2015). Costa e Saraiva (2011) afirmam que as discussões sobre memória podem ser levadas sem dificuldade para os estudos em organizações. Dessa forma, as memórias serviram de base para o descortinamento e interpretação de aspectos simbólicos compreendidos à luz da cultura em determinado tempo. Nesse sentido, foi percebido que os estudos de memórias nas organizações no Brasil estão em crescimento, mas estão focadas em memórias do início de cursos de Administração no país. No caso desta pesquisa optou-se por analisar os dados referentes às memórias de um espaço de sociabilidade.

Não obstante, esse estudo busca dar continuidade a estudos dentro da Administração que tratam de espaços de alimentação e sociabilidade. Tais estudos tratam de contextos de espaços sociais no âmbito de diversas cidades brasileiras, em diferentes regiões do país (FANTINEL, 2008; FANTINEL; CAVEDON, 2009; FANTINEL; FISCHER 2010; IPIRANGA, 2010; FANTINEL; CAVEDON; FISCHER, 2012, entre outros), incluindo, nesta pesquisa, a cidade de Vitória/ES.

Após esta introdução, apresenta-se o referencial teórico com a contextualização do paradigma interpretativo e a abordagem do simbolismo. Essas foram as bases conceituais que posicionaram este trabalho e permitiram a posterior análise dos dados encontrados no campo. Ainda no referencial teórico, no tópico seguinte foram abordados os conceitos de memória e narrativas nos Estudos Organizacionais. Após a apresentação das teorias que formam o corpo de análise desta dissertação, segue o método que se utilizou na operacionalização da pesquisa. Por fim, seguem as análises dos dados coletados e considerações finais deste estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A abordagem simbólica torna-se uma interessante lente para a compreensão de atividades humanas em qualquer espaço, pois é possível identificar o simbolismo em diferentes aspectos da vida. Dessa abordagem emerge uma diversidade de perspectivas de estudos, sendo possível apontar, assim, uma miríade de olhares a partir do simbólico para as organizações (MORGAN; FROST; PONDY, 1983; TURNER, 1990).

Através da abordagem simbólica, podem-se estudar os conceitos de cultura e cultura organizacional. Embora a abordagem simbólica não seja a única possibilidade de enfoque destes conceitos, nessa pesquisa procurou-se trabalhar a partir de tal conotação (CAVEDON, 2008). Dessa forma, entendeu-se como necessário trazer os dois conceitos, no que diz respeito à orientação teórica que dá suporte à pesquisa.

Por fim, também foi realizada a revisão de literatura do conceito de memória, buscado nas Ciências Sociais e nos Estudos Organizacionais. Barros e Carrieri (2015) ressaltam a importância desse conceito para a Administração, em um contraponto aos olhares dominantes nesse campo. A memória foi captada através das entrevistas narrativas com os sujeitos de pesquisa, conforme apresentado na terceira seção deste projeto, e lançou luzes à análise dos aspectos simbólicos encontrados.

Assim, esta pesquisa contou com dois eixos teóricos para ajudar a responder à questão central, foram eles: interpretativismo/simbolismo e memória/narrativa, conforme visto no capítulo introdutório. O último eixo teórico engloba também a história.

2.1 O CAMPO DE ESTUDOS DO SIMBOLISMO ORGANIZACIONAL

Antes de apresentar o paradigma que norteou o presente trabalho, buscou-se realizar uma breve contextualização para um melhor posicionamento frente a outros possíveis paradigmas existentes no campo. Morgan, Frost e Pondy (1983) baseados nos paradigmas da teoria social de Burrell e Morgan (1979), propõem que o pesquisador ancore sua pesquisa de acordo com a ênfase que deseja dar dentro de um determinado paradigma. Assim, sugerem quatro abordagens dentro do simbolismo organizacional.

O modelo de quatro paradigmas da teoria social pode ser desenhado em quatro quadrantes, em função de dois eixos principais. Esses eixos são chamados, respectivamente: sociologia da regulação e sociologia da mudança radical. No primeiro eixo, os estudos baseiam-se na explicação de que a sociedade possui características como coesão, integridade e ordem social. Os estudos inseridos nesse eixo também se preocupam em fazer a manutenção do *status quo*. Já os estudos inseridos no segundo eixo explicam as mudanças e conflitos estruturais e radicais, falam sobre dominação e emancipação, entre outras características. Assim, os quadrantes levam aos quatro paradigmas centrais descritos pelos autores, que são nomeados por: funcionalista, humanista radical, estruturalista radical e interpretativismo (MORGAN; FROST; PONDY, 1983).

A seguir encontra-se a ilustração do modelo dos quatro paradigmas da teoria social, conforme Burrell e Morgan (1979):

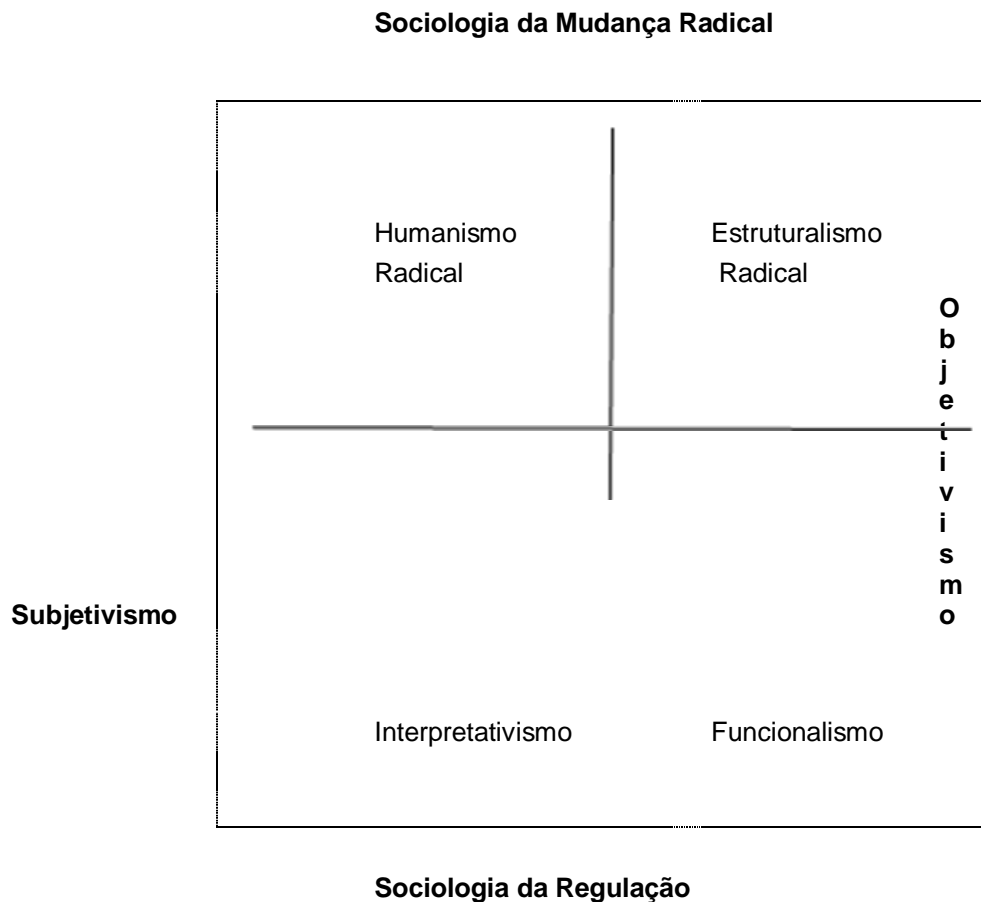


Figura 1 - Quadro dos quatro paradigmas para a análise da teoria social.
 Fonte: Burrell; Morgan, 1979, p. 22.

Por meio desse posicionamento dos referidos paradigmas em quatro quadrantes, é possível encontrarem-se as diferentes perspectivas e possibilidades de análise e estudo de um determinado fenômeno social. Cada um desses quatro paradigmas expressa uma visão particular do mundo social, como se fosse um "mapa" para que sejam situadas diferentes pesquisas no campo. Assim, a teoria baseada em um desses paradigmas está diretamente ligada a um desses quadros da teoria social, que por sua vez se dividem em dois enfoques antagônicos: o objetivista e o subjetivista (BURRELL; MORGAN, 1979).

O célebre modelo oferece importante referência didática dentro dos Estudos Organizacionais por permitir um posicionamento de diversas pesquisas e abordagens. Ainda assim já foi alvo de críticas no meio acadêmico. Dessa forma, houve muito debate entre os acadêmicos da área acerca dos quatro paradigmas (CLEGG; HARDY, 1999).

Como supracitado, Morgan, Frost e Pondy (1983) basearam-se nesses paradigmas posicionados por Burrell e Morgan (1979) e sugeriram quatro abordagens para os estudos de simbolismo organizacional. Nessa proposta, os símbolos também poderiam ser estudados sob diferentes óticas: a funcionalista (admite a possibilidade dos símbolos serem manipulados), a humanista radical (os símbolos são vistos como objetos de alienação), a estruturalista radical (os símbolos são entendidos como objetos de dominação) e, por fim, a interpretativa (compreende os processos simbólicos de construção social através dos atores).

Essa estrutura proposta sugere que os aspectos simbólicos perpassam todos os aspectos da vida humana, bem como têm papel fundamental na formação das organizações, e, de forma mais abrangente, da vida humana. Para os autores “os seres humanos se distinguem de todas as outras espécies vivas por suas habilidades em criar e usar os símbolos como uma base de discurso e forjando significados em suas vidas individuais” (MORGAN; FROST; PONDY, 1979, p. 30, tradução nossa).

No caso desta pesquisa, o paradigma adotado é o interpretativo. Nessa perspectiva, a compreensão e interpretação do mundo se dão a partir da visão dos sujeitos envolvidos no processo social. No interpretativismo, os olhares se voltam para as questões dos processos simbólicos que dão sentido aos aspectos da vida cotidiana (MORGAN; FROST; PONDY, 1983; BERGER; LUCKMANN, 2003). Assim, tendo realizado a contextualização da perspectiva aqui adotada, cabe agora mostrar como a perspectiva interpretativista se relaciona e se insere no simbolismo organizacional, detalhando como essa abordagem foi utilizada na presente pesquisa.

Há diferentes maneiras de se estudar uma organização. Turner (1990) destaca que o simbolismo é uma delas e que, no entendimento do significado do termo organização, perpassam elementos como ritos, cerimônias, tradições, mitos e símbolos. Dessa forma, a natureza simbólica da ação humana tem sua importância dentro dos estudos das Ciências Sociais, sendo tema de interesse em diversas áreas. Nos Estudos Organizacionais, dentro do corte do simbolismo, a definição do termo organização é constituída através de uma construção humana e um fenômeno social. Essa é uma perspectiva teórica que entende que as organizações não são simples máquinas ou organismos adaptativos e sim, sistemas humanos que se

manifestam em complexos padrões de atividades culturais (MORGAN; FROST; PONDY, 1983).

Nesse contexto, a organização é algo definido socialmente e oriunda de certos padrões. Destaca-se que, nos estudos do simbolismo, o mundo organizacional é visto como repleto de signos e símbolos. Para Turner (1990), um símbolo se relaciona com a lembrança de algo, ou então, com um fragmento de algo que completa o significado e dá sentido à vida. Para Bourdieu (1989), os símbolos podem ser uma espécie de consenso dos sentidos. Assim, o símbolo é algo criado após experiências vividas e a ele é atribuído um significado que pode ser compartilhado ou não por um grupo. Portanto, os símbolos são instrumentos que favorecem a integração social (MORGAN; FROST; PONDY, 1983; SARAIVA; CARRIERI, 2008).

Uma vez que os símbolos são signos investidos de um significado maior, então eles também são permeados pela subjetividade. Essa característica é o que difere um signo de um símbolo. Dessa forma, pode-se afirmar que todos os símbolos são signos; não obstante, o contrário não é verdade. Os símbolos são revestidos de padrões culturais complexos. Assim, eles podem ser criados ou recriados pelos humanos a qualquer momento e podem ter significados variados de uma pessoa para outra (MORGAN; FROST; PONDY, 1983; SARAIVA; CARRIERI, 2008).

Essa variação de compartilhamento de símbolos se dá em três diferentes graus: o primeiro varia de pessoa para pessoa; o segundo diz respeito à formação dos símbolos, que podem ser criados consciente ou inconscientemente; e, por fim, o terceiro grau, varia de acordo com o compartilhamento, já que um símbolo pode ter variados significados para o mesmo grupo ou para diferentes grupos (MORGAN; FROST; PONDY, 1983). Esta pesquisa, portanto, buscou entender o processo simbólico para, enfim, identificar os símbolos que estão envolvidos na construção social de um espaço organizacional, através dos sujeitos que participaram dessa construção.

Dessa forma, é possível afirmar que as pessoas que estão inseridas em algum tipo de organização agem simbolicamente nesse espaço, pois são capazes de usar a linguagem, de terem ideias, de produzirem e interpretarem metáforas. Também são capazes de criar e recriar significados através dos símbolos para eventos ou

comportamentos e objetos, sempre com o objetivo de compartilhar um sentido comum em suas vidas (MORGAN; FROST; PONDY, 1983; BERGER; LUCKMANN, 1996).

A linguagem, por exemplo, tem papel fundamental na vida cotidiana, ao fornecer objetivações e ordens que dão sentido e preenchem a vida humana de significados. O meio simbólico tem a capacidade de processar a complexidade da vida através dos símbolos, inclusive dentro das organizações, uma vez que são entidades simbólicas. (MORGAN; FROST; PONDY, 1983).

Ainda segundo Morgan, Frost e Pondy (1983), por assumir diferentes graus de compartilhamento, os símbolos tornam-se fundamentais no exercício de entender as sucessivas transformações que acontecem diariamente na vida. Utilizando esse mesmo contorno, Turner (1990) também afirma que há múltiplas possibilidades de reenquadramento dos símbolos.

Assim, uma vez que os símbolos podem ser objetos, atos, conceitos ou formas linguísticas, eles também podem se destacar de forma ambígua pelos seus distintos significados. Essa multiplicidade os faz se transformarem e se tornarem úteis para a vida humana. Dentro das organizações o fenômeno não é diferente, os símbolos são úteis para entender as transformações que ali ocorrem (MORGAN; FROST; PONDY, 1983; TURNER, 1990).

O simbolismo é tido como um processo genérico e dinâmico, não algo estático ou paralisado. Os símbolos podem ser criados e recriados continuamente, a depender das necessidades, desejos ou contexto em que as pessoas que os compartilham estiverem inseridas. Seja um objeto, uma ação, um evento, uma palavra, um conceito ou uma imagem pode servir de matéria-prima para a criação do símbolo, podendo ser recriado a qualquer momento. Esse movimento de criação e recriação é feito por qualquer grupo que compartilha do significado (MORGAN; FROST; PONDY, 1983).

Para Turner (1990), as pessoas criam maneiras de lidar com o mundo através da constituição de sentidos para os signos. Esses signos podem ser revistos e reconstituídos a qualquer momento. Os signos também podem ser criados para “redefinir a maneira pela qual o mundo é compreendido” (TURNER, 1990, p. 3,

tradução nossa). Dessa forma, os símbolos são fundamentais na busca pelo entendimento das transformações dos sentidos. Elementos como ritos, tradições e cerimônias atuam diretamente nas características dos relacionamentos existentes naquele cotidiano (CAVEDON, 2008). Para Berger e Luckmann (1996), os seres humanos interpretam a vida cotidiana como uma realidade permeada por símbolos que dão sentido ao mundo.

As pesquisas que se apropriam do arcabouço teórico do simbolismo organizacional visam a superar o entendimento da dicotomia objetividade-subjetividade, uma vez que esses estudos fazem parte de uma ampliação da noção de organização. O paradigma interpretativista dá o suporte necessário na compreensão das diferentes relações simbólicas que coexistem em um espaço organizacional. Os símbolos se inserem nesse contexto de significação dentro dos espaços através dos padrões culturais compartilhados socialmente. Dessa forma, a realidade dentro da organização é construída a partir dos aspectos simbólicos compartilhados e que impulsionam a rotina diária, sua transformação e sua evolução (MORGAN; FROST; PONDY, 1983; SARAIVA; CARRIERI, 2008).

Além dos estudos de signos e símbolos dentro das organizações, os estudos em simbolismo organizacional permitem diferentes discussões exploratórias ou alternativas. Os debates em torno da abordagem simbólica tornaram possível o aprofundamento das pesquisas sobre as culturas nas organizações (TURNER, 1990). Assim, tornam-se importantes os estudos de cultura, conceito que pode ser retratado com bases na Antropologia e Sociologia. Considera-se que o tema de cultura organizacional estreita as relações com a Administração.

O termo cultura repousa suas origens em reflexões advindas do campo das Ciências Sociais. Figura-se nas tentativas de ver os grupos humanos em sua diversidade e considerar um processo de adaptação contínua entre os sujeitos e seu meio. Assim, pode-se afirmar que o ser humano é um ser de cultura, logo, seu comportamento pode ser interpretado pela cultura (GEERTZ, 1989; BARBOSA, 2002; CUCHE, 2002). Dessa forma, esse conceito atua como instrumento de explicação de aspectos que, durante muito tempo, foram tidos como comportamentos "naturais" do ser humano: ou seja, diante das similaridades genéticas e biológicas entre seres humanos, a cultura os diferenciaria. Sendo assim, através da cultura seria possível

explicar os diferentes comportamentos humanos que existem ao redor do mundo (GEERTZ, 1989; CUCHE, 2002).

Geertz (1989, p. 4) analisa a cultura de forma interpretativa a partir de uma forma de construção de ciência que se coloca em busca de significados, de acordo com a qual “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. Assim, pode-se afirmar que a cultura perpassa a vida de todas as sociedades e está presente em todas as transformações ocorridas ao longo do tempo tanto no meio econômico, quanto social e político (BARBOSA, 2002; CAVEDON, 2008).

No contexto dos estudos de cultura e suas relações, Morgan (2006) sugere o entendimento da organização como fenômeno cultural que se revela através das relações sociais que ali se apresentam. Para esse autor, dentro das organizações também é possível encontrar padrões de culturas socialmente construídos.

Assim, a dimensão cultural permite o entendimento das relações que ocorrem em determinado tempo e espaço. Para Geertz (1989), tal dimensão possibilita uma rede de significados comuns para os seres humanos. Assim, tem-se o termo cultura organizacional, que, por sua vez, também é passível de diferentes óticas de estudos (MORGAN, 2006; CAVEDON, 2008).

Nesse contexto, a partir da década de 1980, cultura organizacional torna-se uma possível lente de análise dentro dos Estudos Organizacionais e entra em voga no meio acadêmico (BARBOSA, 2002; MARTIN; FROST, 2012). Assim, de acordo com Morgan (2006), as organizações são fenômenos culturais de onde refletem os valores e os ideais presentes nestas. Esse autor vai além, afirmando que a cultura não pode ser imposta: pelo contrário, ela acontece no curso da interação social.

Em uma das vertentes de estudos em cultura organizacional, esta pode ser vista como metáfora, perspectiva que promove uma reflexão mais crítica da relação entre cultura e organização. Nessa perspectiva, a cultura é entendida como a própria organização, promovendo uma visão de organização como formas de expressões e manifestações da consciência humana. Segundo Smircich (1983), cultura como metáfora pode ser vista sob três diferentes óticas, podendo ser cognitiva, estrutural ou simbólica. A metáfora vista sob a ótica de uma perspectiva simbólica é baseada em Geertz (1989). Essa perspectiva resgata os valores, as crenças e os símbolos,

bem como busca interpretar os símbolos que permeiam a organização (SMIRCICH, 1983).

A cultura, então, estudada de forma simbólica, é como um sistema de símbolos e significados. Esses sistemas, para serem compreendidos, são interpretados como padrões de discursos simbólicos. Assim, a organização é permeada tanto pelo ambiente interno, quanto pelo externo e também por seus agentes políticos e econômicos (SMIRCICH, 1983; CARRIERI, 2008). Para alinhar o objetivo dessa pesquisa com o paradigma interpretativista, é importante destacar esta como a perspectiva adotada nessa pesquisa.

No Brasil, os estudos em cultura organizacional começaram a receber atenção a partir da década de 1990 e, desde então, o tema tornou-se conhecido no meio acadêmico de Administração (CAVEDON; FACHIN, 2008). Cavedon (2008) ressalta que, atualmente, o termo cultura organizacional pode ser estudado sob diferentes aspectos e faz uma retrospectiva de como esse termo é utilizado por autores nacionais. Para essa autora, ainda sendo multidisciplinar, os diversos conceitos de cultura ora se aproximam muito, ora se aproximam pouco do referencial antropológico (CAVEDON, 2008). Para Cavedon (2008, p. 33-34) a cultura organizacional pode ser entendida como:

a rede de significações que circulam dentro e fora do espaço organizacional, sendo simultaneamente ambíguas, contraditórias, complementares, díspares e análogas implicando ressemantizações que revelam a homogeneidade e heterogeneidade organizacionais.

Tendo apresentado acima uma revisão teórica da perspectiva epistemológica simbólica e interpretativista e aspectos da cultura e cultura organizacional, passa-se, no próximo tópico, ao segundo e terceiro eixos do referencial teórico da pesquisa. Estes consistem nos termos memória e narrativa, sendo memória como conceito e objeto de pesquisa em termos de fenômeno.

2.3 MEMÓRIAS E NARRATIVAS: ABORDAGENS HISTÓRICAS DAS ORGANIZAÇÕES

Ao longo do tempo, a ciência da Administração aproximou-se de outras ciências para estudar seus fenômenos e para se repensar em relação a seus objetos. Nesse sentido, a História entra como uma das tantas ciências com que a Administração fez um ponto de contato, permitindo novas perspectivas, principalmente para os Estudos Organizacionais. O uso da História pela Administração vem na tentativa de se buscar elementos do passado para a compreensão do presente, enriquecendo os debates na área. Essa aproximação já vem ocorrendo no campo internacional e também no Brasil (BARROS; CARRIERI, 2015).

Barros e Carrieri (2015) acreditam que as pesquisas realizadas na periferia do campo acadêmico em Administração ampliam os olhares dos pesquisadores da área e as construções teóricas podem ganhar destaque. Ao jogar luzes para diversas áreas do campo acadêmico, diferentes epistemologias podem ser usadas para entender o social, o cultural e o histórico das organizações.

O uso da História pelos estudos das organizações, segundo Rowlinson et al. (2014), tem sido cada vez mais significativo na área. Ao trazer perspectivas históricas para a Administração, esses autores ressaltam que o presente da organização é construído continuamente através da cultura e o passado é acessado por meio das narrativas. Assim, esses autores afirmam que, associado à narrativa, desenvolve-se o conceito de memória. A memória organizacional se desenvolve como uma narrativa, e esta representa uma forma de organizar a seleção e interpretação do passado pelo sujeito (ADORISIO, 2014).

Segundo Adoriso (2014), a perspectiva narrativa (que nesta pesquisa trata-se da dimensão metodológica) faz sua contribuição para as organizações ao trazer a tona experiências subjetivas da lembrança e do contexto sócio-histórico em que tal lembrança ocorre. Essa autora defende que a narrativa representa uma forma de organizar a seleção e a interpretação do passado.

Costa e Saraiva (2011) destacam que a memória é uma temática desafiadora no campo dos Estudos Organizacionais. Ressalta-se que acessar elementos do passado não significa procurar ou encontrar uma verdade absoluta. Através da memória se busca uma nova forma de pensar o passado com bases nas narrativas pontuais dos atores envolvidos e achar uma nova forma de pensar sobre determinado objeto no presente (BARROS; CARRIERI, 2015).

Segundo Costa e Saraiva (2011), o debate de memória pela Administração se torna uma opção interessante no campo dos Estudos Organizacionais com o intuito de se entender o que se lembra ou o que se esquece nas organizações. Rowlinson et al. (2014), afirmam que o processo de lembrar e esquecer é seletivo, consciente ou inconsciente. Esses autores também reforçam que os estudos de memória social que tem *interface* com os Estudos Organizacionais e possuem foco nas narrativas do passado de organizações, também estão em crescimento.

Como a memória não é una, ela é social e coletiva, o desafio é trazer à tona registros silenciosos ou até mesmo não óbvios, porém que são tão legítimos e importantes quanto os registros evidenciados. Para isso, Costa e Saraiva (2011) apontam algumas ressalvas que podem contribuir para pesquisas de memórias em organizações, como por exemplo: assumir que existe uma intencionalidade nos registros, destacar possibilidades de fragmentações do campo da memória, reconhecer que possa ter visões distintas dos sujeitos envolvidos e questionar quanto à objetividade de informações vindas do passado (COSTA; SARAIVA, 2011).

Um dos autores que pode ser trazido a esse debate interdisciplinar é Halbwachs (2006), para quem a memória refugia-se em um determinado momento no tempo e funciona como um elo entre passado e presente. Costa e Saraiva (2011), seguindo esse mesmo contorno, argumentam que é este o elo que atribui importância de uma função social do passado, quando os fatos são processados em função das necessidades do presente. O tempo traz a necessidade de se ter a memória e, através dela, ver a criação, construção e reconstrução dos significados (IPIRANGA, 2010). Para Halbwachs (2006), o grupo social e suas diversas atividades guardam relação com o lugar no qual partilham as diferentes experiências.

Os seres vivos carregam a memória como um fenômeno que desempenha o papel permanente de evolução, mas que está sempre suscetível ao esquecimento, à deformação, à vulnerabilidade, à manipulação (HALBWACHS, 2006). Como um mecanismo, o testemunho, ou a narrativa, funciona como uma possível ferramenta para se recorrer à lembrança de experiências vividas no passado por uma pessoa ou por terceiros (NORA, 1993). Assim, é possível reconstruir um testemunho do passado através das lembranças que se guarda de um determinado evento.

Para Halbwachs (2006), essas lembranças podem ser tanto produzidas por um indivíduo quanto por outro, ou seja, não é necessário que um indivíduo esteja presente de forma material para se lembrar de algo. Dessa forma, ainda de acordo com Halbwachs (2006), pode-se afirmar que as lembranças são coletivas, mesmo que o fato esteja associado a apenas uma pessoa. Por essa razão, lembranças antigas podem adaptar-se às percepções que se têm no presente, a partir do momento em que se relembra de algo através do outro (NORA, 1993).

As lembranças coletivas destacadas por Halbwachs (2006) se configuram na tentativa de se resgatar no tempo e espaço um determinado dado que pode ser abstrato ou não. O resgate de lembranças no tempo e espaço pode ser de fatos de um passado em comum de um grupo, por componentes desse grupo que compartilharam ou não do mesmo fato. O importante no resgate, neste caso, é que esses fatos podem pertencer a um mesmo grupo, ou seja, o mesmo fato pode ser compartilhado por vários indivíduos de um mesmo grupo.

Neste caso, o acontecimento em si é o menos importante. Para que as lembranças sejam comuns, essas pessoas em um determinado tempo teriam que ter um envolvimento comum, com um mesmo propósito. Contudo, pode ocorrer de uma pessoa lembrar e outra não lembrar, situações vividas em conjunto devido ao grau de importância atribuído àquele fato ou evento (HALBWACHS, 2006).

Portanto, lembrar-se ou não de algo está relacionado ao interesse em determinado acontecimento. Entretanto, para que através da memória do outro seja resgatada a própria memória, é preciso, de certa maneira, concordar com ela e ter um ponto de contato entre as duas. Assim, a memória torna-se múltipla (HALBWACHS, 2006). Para Certeau (2007), na prática, a memória não é organizada: o acontecimento a torna relativa e ela é capaz de transformar determinada ocasião que ocorreu no passado. Dessa forma, a memória exerce uma autoridade que permite alteração e transformação de um fato ocorrido.

Assim como Halbwachs (2006), Certeau (2007) aponta que a memória é marcada por encontros externos e ela também acontece na relação com o outro, sendo compartilhada. Para Nora (1993), a lembrança que vem através do outro só reaparece porque foi possível relacioná-la com algo percebido pela pessoa, em um determinado momento. Nesse ponto, Nora (1993) concorda com Halbwachs (2006)

quando este declara a memória como coletiva e pertencendo a um grupo com passado em comum. Ainda para Nora (1993), a memória é sempre atual e é marcada pela vida simbólica. Por isso, não se apega a detalhes e sim a vagas lembranças. Para esse autor, há sempre uma relação de dicotomia entre a memória e História: passado e presente, lembrança e esquecimento.

Para Certeau (2007), a memória é um saber que não se separa do tempo. Ela é gerada através de momentos e coisas heterogêneas, não pertence a nenhum lugar. Dessa forma, a memória se revela na ocasião, num determinado momento oportuno e assim acontecem as práticas cotidianas. Portanto, a prática cotidiana se aproveita da memória como meio transformador de lugares através das projeções simbólicas e também através das narrativas. Não obstante, as narrativas funcionam como uma “arte de contar histórias” ou a “arte de dizer”, que ganha “pertinência científica” (CERTEAU, 2007, p. 156). Dessa forma, a memória atua em um terreno intermediário entre a historiografia e a Antropologia.

A prática de contar histórias se dá através da linguagem: assim, a linguagem também passa a ser um relato. A narrativa faz o que a historiografia pratica e a Antropologia reforça. Dessa forma, tanto o relato quanto a linguagem, portanto, fazem parte da “arte de dizer”. A arte de dizer, por sua vez, decorre da arte de pensar e fazer. Assim, pode-se dizer que estas são características da narrativização. Ressalta-se que o ato de narrar não é o mesmo que descrever, daí a importância científica de narrar uma história. A narrativa por sua vez, é um saber-dizer, isso significa que é o encadeamento entre a história que foi vivida e a história que está sendo narrada. Nesse sentido, a narrativa atribui à História um aspecto de ficção, como foi algo ocorrido no passado, é a memória fazendo uso de sua autoridade (CERTEAU, 2007).

Nora (1993) discute a diferença entre memória e História. Para esse autor, a memória se refugia em dado momento da História; assim, segundo o autor, ocorre uma ruptura de equilíbrio de um passado que já está morto com o que ainda permanece vivo, como as tradições, os costumes. A memória produz sentimento de continuidade e, segundo o autor, pode-se admitir que ela não existe mais: o que existe são meios de produzir a memória. A História trata do relativo, é universal: é de todos e de ninguém. Enquanto a memória é a vida transportada pelos grupos que

ainda vivem, a História é uma constante reconstrução do que não mais existe (NORA, 1993).

Nora (1993) ainda evidencia que a História é um mecanismo de destruição da memória, pois para aquela, esta é sempre suspeita. Ressalta também que a História não confere verdade absoluta ao fato, e sim traz sua anulação parcial, pois para a História não há falhas, nem tampouco lacunas. Contudo, a realidade de fato as tem, e é então por meio da memória que a História se amplia. É na tentativa de se ter uma verdade ampliada que confere a memória uma dimensão cognitiva (NORA, 1993; VEYNE, 2008).

Na concepção de Veyne (2008), História e memória estão intimamente ligadas. A História não tem o poder de reviver o passado, mas tem o poder de evocá-lo através das narrativas de memórias. Este autor se aproxima das ideias de Certeau (2007) quanto à importância científica, quando ressalta que a História é uma atividade intelectual.

Assim, pode-se dizer que, de forma geral, entender a História de organizações é entender as próprias organizações. Essa pauta nos Estudos Organizacionais significa problematizar as opções das pessoas sobre as organizações, sobre o que lembrar e o que esquecer (COSTA; SARAIVA, 2011). Para Adorisio (2014), se aproveitar da experiência, do conhecimento e de recursos coletivos do passado pode ser um fator determinante no sucesso organizacional em tempos de mudanças. Assim, entender como a memória sobre a Rua da Lama se forma, é compreender, em parte, como os próprios significados sobre esse espaço se construíram e se constroem.

Ainda segundo Adorisio (2014), lembrar é uma atividade humana, por isso é social e relacional; se lembrar de algo para contar a outras pessoas e também se lembrar de acontecimentos através dos outros; lembranças são historicamente situadas desde que, se lembra do passado estando no presente. Um dos aspectos que tais conceituações trazem para a vida é a simples idéia de que o passado é lembrado de forma diferente ao longo do tempo.

Ao tratar da dimensão da memória nos Estudos Organizacionais, autores como Barros e Carrieri (2015), Costa e Saraiva (2011), Rowlinson (2010), abarcam a ideia

com enfoque historiográfico. Assim, trazer esses conceitos é uma possibilidade de diferentes temas para a Administração, como Ciência Social Aplicada, no sentido de fomentar o pluralismo nos estudos da área (BARROS; CARRIERI, 2015).

Destarte, não se tem a pretensão de apresentar uma definição conclusiva dos termos, por se entender tratar de expressões de uma temática relevante e profunda. Reconhece-se tal complexidade dos termos. Objetiva-se, assim, destacar o debate e a necessidade de reflexão contínua sobre os campos da memória, narrativa e História e suas relações, especialmente dentro dos Estudos Organizacionais. Dessa forma, buscou-se, com base nesse debate, entender como os aspectos simbólicos de um determinado tempo e espaço, relacionam-se com as memórias e narrativas sobre determinado local em um determinado contexto espaço-temporal.

3 O MÉTODO DE PESQUISA

Para responder a questão proposta nesta investigação, foi utilizada uma estratégia de pesquisa de natureza qualitativa. Triviños (1987) ressalta a importância de pesquisas que se utilizam desse tipo de abordagem metodológica, considerando elementos como subjetividade e validade conceitual. Ainda para esse autor, tais estudos "contribuem decisivamente para o desenvolvimento do pensamento científico" (TRIVIÑOS, 1987, p. 118).

Minayo (2013) afirma que o foco das Ciências Sociais é substancialmente qualitativo, uma vez que a realidade social ocupa lugar central na vida individual e coletiva. Vida essa que é repleta de significados. Tal riqueza proporcionada pela realidade social é maior que "qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela" (MINAYO, 2013, p. 14).

Pesquisas com abordagem qualitativa ajudam na compreensão de aspectos simbólicos que perpassam objetos e atores sociais, e que são focos de análise, bem como no entendimento dos significados presentes nessas relações (TRIVIÑOS, 1987). Para Minayo e Sanches (1993), a abordagem qualitativa se sustenta nos campos da subjetividade e do simbolismo. Esse tipo de pesquisa se relaciona com valores, crenças, hábitos, representações, entre outros elementos. Também através de pesquisas qualitativas, busca-se adentrar nas complexidades dos fatos socialmente construídos (MINAYO; SANCHES, 1993).

Ainda para Minayo e Sanches (1993), tal abordagem promove integração e intimidade entre o sujeito e o objeto da pesquisa. Minayo (2013) ressalta que esse método é condutor dos passos que o pesquisador deve seguir, indicando os possíveis caminhos e opções que podem ser adotados em uma pesquisa. Dessa forma, a metodologia é, concomitantemente, o caminho do pensamento para reconstrução teórica de processos, símbolos e significados de uma realidade social como também é a prática que atua na abordagem dessa realidade. Assim, para

compor a metodologia, é necessário que se tenha o método e a técnica (MINAYO, 2013).

Por conseguinte, definido o método qualitativo para a presente pesquisa, a técnica específica para coleta de dados foi feita através de entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Sobre este tipo de entrevistas, Jovchelovitch e Bauer (2002) destacam que seu emprego consiste em ir muito além de um método de investigação. Para Flick (2004), as narrativas permitem que o pesquisador aborde de forma mais abrangente o mundo experimental do participante da entrevista de acordo com a própria estruturação do universo que está sendo pesquisado.

O ato de narrar uma história é universal e independe do desempenho de uma linguagem formal. Ao contar uma história, a pessoa se lembra da sequência dos acontecimentos, possibilitando encontrar possíveis explicações da construção da vida social (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Segundo Soares e Fischer (2010), o ato de narrar se projeta na dinâmica da percepção que cada um tem de si mesmo.

Assim, as narrativas sobre histórias que ocorreram no passado se deparam com duas diferentes dimensões. Essas dimensões atuam na tentativa de ligar os acontecimentos em um determinado espaço-temporal. Dessa forma, distinguem-se em dimensão cronológica (uma sequência de episódios) e dimensão não cronológica (construção de sucessivos acontecimentos ou enredo). É possível afirmar que as narrativas conservam, de forma autêntica, visões de mundos particulares, mas que são compartilhados através de uma realidade social (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). As narrativas funcionam como uma forma de expor um modelo de conhecimento e apresentação de experiências vividas. Elas possibilitam ao pesquisador capturar as experiências do entrevistado de forma mais ampla (FLICK, 2004).

A entrevista narrativa pode ser iniciada por uma pergunta que faz gerar a narrativa e que tem por finalidade estimular a narrativa da história de uma área de interesse do pesquisador. A questão gerativa da narrativa deve ser clara e suficientemente específica para que seja seguido o tema central do objetivo da coleta de dados (FLICK, 2004).

Consequentemente, a técnica de entrevista narrativa foi escolhida porque parte da ideia fundamental de reconstrução dos acontecimentos sociais sob a perspectiva dos informantes da pesquisa. Nesse sentido, é possível dizer que a técnica rompe com a ideia dicotômica do esquema de pergunta-resposta. Ao levar-se essa perspectiva em consideração, pode-se afirmar que as ideias vão ao encontro do problema desta pesquisa e têm coerência com seus objetivos (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). A coerência encontra-se, portanto, na questão teórica das entrevistas narrativas, de forma que, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 91), "não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa".

Jovchelovitch e Bauer (2002) contribuem para aproximar essa técnica a presente pesquisa quando afirmam que a entrevista narrativa é utilizada para reconstrução das perspectivas dos informantes da pesquisa. Esses autores indicam o uso de entrevista narrativa para coleta de dados em que pesquisadores poderão encontrar diferentes versões para a mesma história ou quando o projeto combina histórias de vida e contexto sócio-histórico.

As entrevistas narrativas são consideradas uma técnica específica de coleta de dados e também um método de geração de dados. Dessa forma, para a pesquisa as entrevistas foram realizadas seguindo um roteiro básico, conforme o apêndice B, mas com o mínimo de intervenção por parte da pesquisadora, com o objetivo de captar as memórias. Esse tipo de entrevista tem caráter de entrevista não estruturada e de profundidade, ressaltando que o pesquisador deve ter o mínimo de influência no percurso narrativo dos entrevistados. Tal pressuposto sugere que o pesquisado faça uso de sua própria linguagem para que a história seja contada de uma forma mais assertiva (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). A questão do aprofundamento da temática pode ocorrer com intervenções concretas por parte do pesquisador, mas na parte final da entrevista (FLICK, 2004).

Para esta análise, foram realizadas entrevistas narrativas com oito sujeitos, entre eles: seis antigos frequentadores e dois participantes que tiveram relações de trabalho com estabelecimentos da Rua da Lama da década de 1980. Esse número foi estabelecido tanto de acordo com a capacidade de análise e transcrição da pesquisadora, quanto pelo tamanho do *corpus* gerado nas entrevistas narrativas

para posterior análise. O tamanho do corpus gerou um segundo critério, baseado de acordo com Bauer e Aarts (2002), que é a saturação dos dados. Tal saturação ou recorrência ocorreu quando, percebeu-se que as informações coletadas nas narrativas foram se repetindo. Dessa forma, houve uma saturação de respostas nas entrevistas, momento em que se optou pelo encerramento das mesmas.

Como se tratou de entrevistas em profundidade lidando com a memória desses participantes, as entrevistas foram longas e de conteúdo denso (FLICK, 2004). Por estes motivos, as entrevistas tiveram muitas páginas transcritas, somando ao todo 39 páginas, as quais a própria pesquisadora as transcreveu, conforme recomendam Jovchelovitch e Bauer (2002). A seleção dos sujeitos se deu através de um informante que havia frequentado a Rua da Lama durante toda a década de 1980. Houve também, simultaneamente à rede de contatos indicada por este informante, uma pesquisa nas redes sociais, em grupos de memórias do Espírito Santo. Quanto aos participantes que tinham relações profissionais com um determinado bar da Lama na referida década, optou-se por um que tinha um trabalho fixo, como empresário e outro que manteve um trabalho autônomo por quase toda a década pesquisada.

Para que fossem encontrados tais sujeitos da pesquisa, foi utilizada uma técnica conhecida por bola de neve ou *snowball*. Essa ferramenta potencializa a indicação de sujeitos para a pesquisa, em forma de cadeia, quando, a partir de um informante, é possível contatar outro possível participante. Tal instrumento permitiu acesso privilegiado e também se considerou o pressuposto de que ninguém, dentro da esfera social, é completamente inacessível (FERNANDES; CARVALHO, 2000). Os primeiros sujeitos foram, portanto, contatados através de indicação de um informante, e os seguintes, conforme indicações obtidas ao longo das entrevistas. Além dos contatos feitos via rede social, no qual foi encontrado um informante, que indicou alguns participantes.

As entrevistas foram marcadas previamente com cada um, sendo entrevistas individuais. Os locais foram variados, sempre de melhor acesso a ele ou ela, para que se sentissem à vontade para a realização da entrevista. Foi solicitada autorização a todos os sujeitos entrevistados, de acordo com os termos do

PPGAdm/UFES, para gravar os conteúdos narrados, que posteriormente foram transcritos pela pesquisadora para análise.

A análise dos dados foi feita através da técnica de análise de conteúdo de natureza categorial temática. Segundo Mozzato e Grzybovski (2011), há um interesse crescente por análise de conteúdo no campo da Administração, de forma que se destaca a importância desse tipo de análise em pesquisas qualitativas em tal área. Ainda para as autoras, o objetivo da análise de conteúdo não deve deixar dúvida, para que dessa forma, a análise possa enriquecer a interpretação dos dados coletados. O *corpus* gerado pelas entrevistas narrativas serviu de base para a análise e categorização dos dados.

As categorias temáticas de análise não foram definidas *a priori* e sim após a coleta de dados, definidas a partir da fala dos entrevistados. A existência de poucos estudos realizados acerca do contexto espaço-temporal estudado dificultou a busca de categorias via literatura para fazê-las *a priori*. Ainda, de qualquer forma, é possível dizer que a categorização *a posteriori* permitiu captar uma maior diversidade no conteúdo coletado (FRANCO, 2003), condizente com o tipo de entrevista escolhida para esta pesquisa. Por tais razões, optou-se pela categorização *a posteriori*.

As unidades de análise foram definidas conforme Franco (2003) e divididas em unidades de registro e unidades de contexto. Unidades de registro tratam das características definidoras específicas encontradas, como uma simples palavra, um símbolo ou um termo. Pode ser também um tema de uma questão importante sobre o assunto pesquisado. Nesta pesquisa combinaram-se palavras, símbolos e termos com o tema, o que garantiu uma análise mais abrangente das entrevistas narrativas. As unidades de contexto dizem respeito ao pano de fundo dos significados da análise de conteúdo. Foram realizadas através de tabelas de caracterização dos sujeitos, seus perfis e suas narrativas, dentro do contexto de conteúdo específico encontrados nas entrevistas (FRANCO, 2003).

Os requisitos para criação de categorias respeitaram as qualidades da exclusão mútua e da pertinência, com base em Franco (2003). Para criar categorias *a posteriori*, o princípio da exclusão mútua orientou a organização dos dados no

sentido de homogeneizar as categorias. A qualidade pertinência ajudou adaptar o material coletado ao quadro teórico da pesquisa. Para se chegar aos requisitos, foi feita uma pré-análise, como forma de organização dos dados obtidos inicialmente, a fim de sistematizar tais dados. Dessa forma, tanto a pré-análise quanto a elaboração do plano de análise foram mais facilmente organizados.

Segundo Bauer et al. (2002), o objetivo de qualquer análise é encontrar uma compreensão e um sentido. A análise de conteúdo, assim, recai predominantemente sobre o entendimento da mensagem. Tal tipo de análise é considerado um procedimento, que, por sua vez, utiliza-se de um conjunto de técnicas de análise de comunicação. A mensagem, nesse caso, seria algo que poderia surgir de diversas fontes, como por exemplo, textos, falas ou notícias de jornais. Contudo, a principal fonte do objeto da análise de conteúdo é a linguagem. Não basta apenas a língua ou meramente as palavras, o importante é saber o que está por “trás das palavras” do interlocutor. A linguagem é tida como pressuposto da existência humana, em uma concepção crítica e dinâmica (FRANCO, 2003).

Nesse contexto de análise de conteúdo verbal ou simbólico, a mensagem é oral ou escrita, podendo também ser gestual ou silenciosa, figurativa ou documental e até mesmo provocada. Todos esses tipos de mensagens não são considerados atos isolados, então a análise passa a ser contextualizada de formas histórica, econômica, social e cultural (FRANCO, 2003).

Ainda segundo Franco (2003), para a comunicação, que se dá através da mensagem, existir, é necessário identificar cinco elementos: uma fonte, um processo codificador, a própria mensagem, um receptor e um processo decodificador. Esses elementos servem para que a finalidade da análise de conteúdo seja possível. A finalidade nesse caso é a inferência e serve para dar relevância teórica a pesquisa. Sendo esta uma etapa intermediária do processo de análise de conteúdo, a etapa final é a interpretação dos dados coletados.

Apresentado acima o método que foi utilizado para delinear esta pesquisa, o próximo item serve como base para o entendimento do lócus estudado. Por resgatar uma perspectiva historiográfica, baseada em narrativas, o lócus da década de 1980 existe apenas nas memórias dos narradores; dessa forma, nesta seção abaixo foi

feita uma descrição do espaço nos dias atuais, de acordo com a percepção e observação *in loco* da pesquisadora. Posteriormente, na análise dos dados coletados, foi feita uma descrição do espaço na época conforme as narrativas ouvidas durante a pesquisa. Assim, foi apresentado o lócus na década de 1980, de acordo com as memórias dos participantes das entrevistas.

3.1 ENTENDENDO A RUA DA LAMA, O LÓCUS DE PESQUISA

A título de conhecimento do lócus de estudo, algumas informações sobre a Rua da Lama contemporânea serão apresentadas a seguir. Atualmente, a região é entendida como um espaço importante dentro da cidade de Vitória/ES, no que tange a cultura organizacional de bares e restaurantes (PANDOLFI et al. 2009; DOMINGUES; GRIPP; FANTINEL, 2015). É considerado um espaço de sociabilidade na cidade, que vem sendo frequentado por diversas gerações ao longo do tempo (DRUMOND; FANTINEL, 2015).

Conforme os dados coletados durante esta pesquisa, a data aproximada de surgimento desse espaço enquanto tal ocorreu no início na década de 1980. Esta data coincide com o surgimento dos cursos de graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no novo *campus*, de Goiabeiras. Assim, o surgimento da Rua da Lama na década de 1980, está em consonância com a data de expansão da UFES para o *campus* Goiabeiras, conforme os dados coletados durante as entrevistas. Segundo Borgo (2014), foi a partir de 1968 que se iniciaram as obras que deram início ao *campus* Goiabeiras, mas foi somente a partir de 1976 que começou a tomar o formato que se tem nos dias atuais, incluindo nessa época a abertura de novos cursos de graduação. Dessa maneira, pode-se afirmar que a expansão da comunidade acadêmica, devido ao crescimento da universidade, contribuiu para o surgimento dos primeiros bares nessa região.

A Rua da Lama está localizada no bairro de Jardim de Penha, mais concentradamente na Avenida Anísio Fernandes Coelho. Essa avenida, no passado, era o principal acesso entre o bairro e a UFES, ela desembocava no portão principal da Universidade. Por conta disso, pressupõe-se que seja essa a razão da região ser

muito frequentada pela comunidade acadêmica, entre alunos, professores e servidores, conforme relatado pelos entrevistados. Cabe ressaltar que a Rua da Lama não é um mero território geográfico; ela não existe em endereço oficial na cidade, sendo assim, é um espaço de sociabilidade e lazer (PANDOLFI et al. 2009; DRUMOND; FANTINEL, 2015; DOMINGUES; GRIPP; FANTINEL, 2015). Atualmente, a Rua da Lama é formada por diversos bares, lanchonetes, restaurantes e também por um vasto comércio diurno, que atende tanto aos moradores do bairro quanto aos frequentadores dessa região.

A Avenida Anísio Fernandes Coelho é uma das maiores vias de trânsito da região, cruzando o bairro de uma ponta a outra. Seu início é no sentido sul da cidade de Vitória, próximo ao mar, nas proximidades de duas das três pontes que ligam a ilha de Vitória à sua porção continental norte. Termina alguns quilômetros depois, após atravessar duas praças e uma rotatória, em frente à UFES (mas não mais no portão principal, uma vez que este foi extinto), em sentido norte da cidade.

É no trecho final da avenida que se concentra, atualmente, uma variedade de bares, alguns restaurantes e lanchonetes, entre outros diferentes tipos de organização, tais como: copiadoras, lojas de artigos femininos, papelarias, salões de beleza, agência de viagens, farmácia, sebo, escola de inglês, escola de ensino fundamental e médio, material de construção, material hospitalar, brechós, entre muitas outras. Essas organizações estão distribuídas em diferentes pontos comerciais ao longo do trecho final da avenida. Os pontos ora fazem parte de conjuntos mistos residencial/comercial, ora são apenas prédios comerciais, em sua maioria localizada na mesma avenida.

Há, contudo, uma expansão da Rua da Lama para as ruas laterais à Avenida Anísio Fernandes Coelho, tanto no que tange a espaços de sociabilidade quanto às organizações de comércio em geral. Nesse sentido, a região se expande também para outras ruas, adjacentes à avenida, acompanhando o crescimento populacional e imobiliário. Muitos dos pontos comerciais nos quais se encontram as organizações hoje, há menos de uma década, eram casas residenciais de unidades familiares. Assim, onde antes vivia apenas uma família, com o crescimento imobiliário, passaram a habitar diversas famílias, mais o comércio localizado no nível térreo do prédio, o que contribuiu para o aumento da quantidade de frequentadores da região.

Ressalta-se que, nas entrevistas realizadas com os antigos frequentadores, foi possível identificar a mudança de formatação da Lama e também o aumento significativo de bares, restaurantes e lanchonetes na região. Diante desse contexto de mudanças, a configuração do leiaute da Rua da Lama também se alterou ao longo do tempo, mas cabe destacar que a região não deixou de ser conhecida e reconhecida simbolicamente por esse nome e atrelada a significados relacionados à boemia e sociabilidade (DRUMOND; FANTINEL, 2015).

Assim, é nesse contexto em que se iniciou este estudo sobre a Rua da Lama da década de 1980, época em que se deu o início dessa região simbólica tão significativa na cidade.

3.2 A PESQUISADORA E O CAMPO

A iniciativa de estudar este importante espaço na cidade de Vitória a partir das memórias construídas sobre ele não se deu por acaso. A aproximação física e simbólica desta pesquisadora com a Rua da Lama faz parte de sua própria história, motivo pelo qual peço licença ao leitor para redigir um pouco de minhas memórias sobre a Lama e meu processo de entrada em campo em primeira pessoa.

Meu contato com a Rua da Lama, ou simplesmente Lama, como um dos entrevistados fez questão de me corrigir, não é recente; de fato, não se iniciou com a minha pesquisa de dissertação. Desde que sou muito pequena, convivo com esse nome: Rua da Lama. Minhas memórias sobre tal espaço se confundem com as memórias da minha infância e da minha própria família, por parte de mãe. Isso tudo porque a casa dos meus avós se localizava no final da Avenida Anísio Fernandes Coelho, ou seja, no “meio” da Lama. Meu avô construiu essa casa por volta de 1960 e criou os filhos ali. Minha mãe cresceu na região e viu, não só a fazenda em que ia buscar leite tornar-se o *campus* universitário de Goiabeiras da UFES, como também os primeiros bares surgirem ao redor de sua casa.

Minha mãe e minha tia cursaram a graduação em Ciências Contábeis no *campus* Goiabeiras, no final da década de 1970, e se formaram no início de 1980. A turma

de jovens universitários era grande e a casa logo se tornou um ponto de apoio, tanto de estudos, como de almoços e lanches oferecidos pela minha avó (assim fez questão de enfatizar um dos entrevistados, que desde a época conhecia minha família). Os amigos, então, frequentavam não só a casa, mas também tais bares próximos à Universidade. A composição original dessa turma de amigos se mantém até os dias de hoje. Portanto, foi por essa turma que se deu minha entrada efetiva no campo para início da minha pesquisa: a turma era composta por antigos frequentadores da década de 1980 da Rua da Lama.

Contatei minha tia e ela me indicou uma pessoa que, segundo ela, “frequentou muitíssimo a Lama” dessa época. Após um telefonema com tal sujeito, combinamos a data para minha primeira entrevista. Essa pessoa marcou em sua casa, não muito longe da Lama. Fui ao local no dia e hora marcados, munida das minhas ferramentas de pesquisa: gravador, bloco de notas, roteiro da entrevista narrativa, termo de consentimento livre e esclarecido e muita curiosidade para ouvir as narrativas sobre tal década.

A partir dessa primeira entrevista, fui indicada a contatar mais duas pessoas, que prontamente se dispuseram a participar. Dessa forma, por indicação desse primeiro contato com minha tia, fiz três entrevistas com antigos frequentadores, que, na década de 1980, eram universitários da UFES ou tinham amigos comuns aos universitários e, por isso, eram frequentadores.

Paralelamente a essas entrevistas, procurei também na *internet* por possíveis frequentadores. Em uma rede social, encontrei uma página de memórias do estado do Espírito Santo e busquei alguma publicação sobre a Rua da Lama. Encontrei uma pessoa que aceitou de prontidão fazer a entrevista. Esse antigo frequentador me indicou alguns possíveis participantes, dentre eles um empresário que tinha um estabelecimento comercial na década que eu estava pesquisando. Assim, fiz mais três entrevistas.

Uma dessas três entrevistas foi conduzida em um bar na própria Lama. Era uma sexta-feira de manhã, o bar estava aberto para receber fornecedores. Olhei em volta e todos os bares estavam no mesmo ritmo, preparando-se para a noite. Ao que concluí que às sextas-feiras ainda havia muito movimento na Lama, como alguns

entrevistados relataram. Lembrei-me também do final da década de 1990 e início dos anos 2000, época em que eu fui assídua frequentadora, às sextas-feiras era sim o auge do movimento na Lama. Deixo registrado que eu também morei na casa construída pelo meu avô, “no meio da Lama”, por 10 anos e é de onde guardo as melhores lembranças da infância e adolescência. Portanto, pelos relatos dos entrevistados, por minha própria experiência e por minha observação atual no campo, as sextas-feiras têm sido dias de grande movimentação desde a década de 1980.

No dia da entrevista citada, o comércio ao redor estava aberto, muitos passantes na rua, alguns estudantes de uniformes. Entregadores carregando caixas de um lado para outro. Na caixa de som tocava uma música latina e era possível ouvir logo que se chegasse à calçada dos bares. O clima da rua era totalmente informal, descontraído e lento, afinal, era de manhã e os bares iriam abrir ao público somente depois das 17 horas.

Ao ouvir o som, também me lembrei de quase todos os entrevistados que me contaram que um dos motivos de irem a Rua da Lama, na década de 1980, era ouvir uma boa música. Senti-me, um pouco, voltando no tempo. Quantas histórias vividas, contadas e repassadas por todas as pessoas que ali frequentaram no início da formação desse espaço de sociabilidade na cidade. Olhei para a Lama, com a luz do dia iluminando todos os cantos, tentei imaginar os bares de antigamente descritos pelos entrevistados, como também busquei na minha memória lembranças de como era a rua dos meus avós no passado.

De fato, era diferente: menos construções ao redor, menos semáforos de trânsito, menos prédios no entorno, mais árvores, mais sombras, mais vagas de estacionamento. Contudo, ainda é possível perceber alguns aspectos, principalmente arquitetônicos, que estão presentes desde então e que ainda remetem à antiga Lama. Um desses aspectos é o prédio que abrigava os principais bares, que continua em pé, atualmente alojando diferentes tipos de comércio, o edifício Flórida.

A entrevista com o sujeito que havia trabalhado na Lama na década da minha pesquisa foi, em minha opinião, muito interessante do ponto de vista dos detalhes os

quais ele pode se lembrar. Como ele deixou bem claro no início da nossa conversa, a relação que ele tinha com aquele espaço era de trabalho (divergente dos outros sujeitos que eu já havia entrevistado). Segundo ele, diferentemente de hoje, a qual sua relação com tal espaço é mais de lazer e prazer. Fiquei admirada com tantas memórias guardadas e agradei muito por ter conseguido entrevistá-lo. Dentre todos os antigos proprietários de bares da década de 1980, ele é um dos únicos que permanece por perto e acessível até hoje.

Por fim, meu último entrevistado também foi um sujeito que manteve relações de trabalho na Lama de 1980. Mas dessa vez um profissional autônomo. Ele foi indicado pelo penúltimo entrevistado, porém este me deu somente o nome e disse que tal pessoa ainda morava em Vitória. Parti novamente para as redes sociais onde consegui encontrá-lo. Após vários contatos via *internet*, conseguimos então marcar a entrevista. Encontramo-nos em um bar e, entre um intervalo e outro da música ao vivo, o entrevistei. Após essa última entrevista, tive a certeza da saturação dos dados (BAUER; AARTS, 2002). As informações estavam se repetindo nas narrativas dos sujeitos da pesquisa. Decidi então, por encerrar as minhas entrevistas, sendo este o último participante da coleta dos dados.

Para melhor visualização dos entrevistados descritos acima, segue um quadro com a apresentação do perfil de cada um, formato que norteia a análise, no próximo item:

Sujeitos de Pesquisa	Códigos
1. Sexo masculino, contador, 60 anos.	Frequentador 1
2. Sexo masculino, empresário, 57 anos.	Frequentador 2
3. Sexo feminino, assistente social, 59 anos.	Frequentador 3
4. Sexo masculino, professor, 43 anos.	Frequentador 4
5. Sexo feminino, artista plástica, 63 anos.	Frequentador 5
6. Sexo feminino, contadora, 57 anos.	Frequentador 6
7. Sexo masculino, empresário, 71 anos.	Trabalhador 1
8. Sexo masculino, músico, 50 anos.	Trabalhador 2

Figura 2 - Quadro de apresentação dos entrevistados e códigos para análise dos dados.
Fonte: Elaborado pela autora, de acordo com a pesquisa realizada em campo.

Chamo a atenção para a diferença de idade do frequentador 4 em relação aos outros participantes da pesquisa, que é explicada por ele no início da entrevista narrativa:

Eu sempre fui uma pessoa, vamos dizer assim, precoce em algumas coisas. Tipo, sexo, álcool, drogas e *rock n' roll*. Entendeu? Então fui um cara precoce nesse sentido né. No sentido de [...], tomar cerveja né, gostar das mulheres mais velhas, na minha idade, eu com 12 anos, 14 anos, etc e tal [sic].

Por ele ter começado a frequentar a Rua da Lama muito cedo, hoje a idade dele está abaixo da média do restante dos antigos frequentadores entrevistados. Contudo, o entrevistado, mesmo sendo mais novo, segundo ele, frequentou tal espaço na década de 1980. Fato que pude constatar durante a entrevista, por ele narrar suas memórias de forma detalhada e com entusiasmo.

Após a exposição da minha relação com o campo e como se deu o início dessa pesquisa, segue no próximo item, a análise do conteúdo coletado durante a fase exploratória.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados coletados após as entrevistas narrativas foi construída, nesta pesquisa, a partir de percursos temáticos. A opção por tal estilo de exposição e discussão dos dados se deu no intuito de respeitar os próprios percursos narrativos identificados nas entrevistas. Nesse sentido, as análises procuram dar conta das ambiguidades e contradições encontradas nos discursos dos sujeitos participantes da pesquisa. Destaca-se que tanto essas ambiguidades quanto essas contradições são inerentes ao processo de construção da memória e já foram descritas por autores como Adorisio (2014), Certeau (2007), Halbwachs (2006), Nora (1993), Rowlinson et al. (2014), entre outros. Estes autores concordam que a memória se constrói a partir de processos de lembrança e esquecimento; assim, o que se lembra e o que se esquece configura também um processo seletivo, ora consciente, ora inconsciente. A memória, portanto, está em permanente dinâmica e transformação, de forma não linear e repleta de lacunas e falhas, podendo ser considerada desorganizada.

Dessa forma, a partir dos dados coletados em campo, foi possível identificar o caráter de construção dos processos de esquecimento e lembrança em todas as entrevistas, bem como destacados pelos autores supracitados. Considerando tais aspectos do fluxo de dados emergidos do campo, as categorias seguiram um percurso temático que foi dividido em três eixos categóricos. Portanto, a categorização se dá em torno desses três núcleos identificados durante a análise, mas que foram divididos seguindo uma história contínua, mesmo percebendo as ambiguidades, as lacunas e a não linearidade das falas.

Assim, o percurso temático caminha pela disposição de três categorias: a primeira, correspondendo à romantização das narrativas sobre o espaço da Lama quando se referem à década de 1980, lembranças ligadas aos encontros de pessoas, música de qualidade, comida com preço acessível a estudantes, um espaço de lazer e prazer, entre outros aspectos. A segunda categoria considera a Lama dessa época como um espaço na cidade caracterizado pela liberdade de expressão. Espaço este,

que marcou por permitir às pessoas que o frequentaram, uma liberdade não encontrada em outros espaços na cidade. Na última categoria, que indica o fim do percurso temático, a análise se deu através da nítida noção de transgressão. Tal característica que, a princípio, os próprios participantes, antigos frequentadores, não consideraram em seus discursos, mas que ficou claro na análise das narrativas, quando se considera o referencial de memória. Nesse sentido, consideram-se que as narrativas de memórias do passado estão sempre em evolução, deformação, vulnerabilidade e manipulação (HALBWACHS, 2006), bem como antigas lembranças se adaptam a certas percepções que se têm nos dias atuais (NORA, 1993).

Nesse contexto, a presente categorização passou então pelas noções de romantização do espaço, logo após um sentimento de liberdade, que, nas falas dos entrevistados, hoje eles já não sentem mais, e termina com o significado de espaço de transgressão. Na seção das categorias de análise, logo abaixo, foi possível perceber o percurso temático destacado. É importante deixar claro que tais categorias não representam uma classificação exclusiva dos dados encontrados no campo. Os resultados extraídos na análise dos dados foram de acordo com a interpretação da pesquisadora, que utilizou a lente do interpretativismo e simbolismo junto aos estudos de memória em organizações.

Abaixo segue um esquema caracterizando os eixos temáticos definidos na análise:

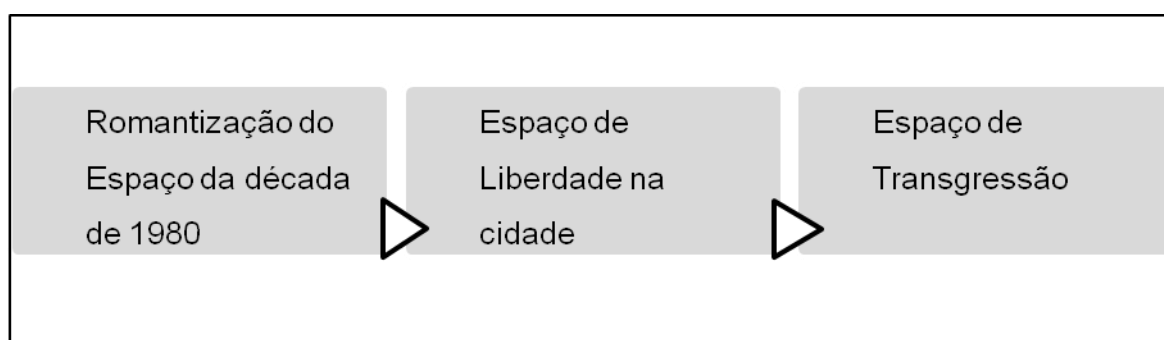


Figura 3 - Quadro de apresentação dos eixos temáticos para fins de análise dos dados.
Fonte: Elaborado pela autora, de acordo com a pesquisa realizada em campo.

Após esta explicação prévia do contorno da análise feita nesta pesquisa, segue, no próximo item, uma apresentação do lócus pesquisado, conforme as memórias captadas através das narrativas dos sujeitos de pesquisa.

4.1 A LAMA DOS ANOS 80

Através das lembranças compartilhadas pelos sujeitos entrevistados nesta pesquisa, foi possível mapear como era a Lama na década de 1980. Ressalta-se que, tais memórias acessadas pelas narrativas e marcadas por experiências subjetivas foram lembradas em um contexto sócio-histórico diferente de quando realmente aconteceram (ADORISIO, 2014). Sendo assim, considera-se que tais elementos relembrados não conferem uma verdade absoluta (BARROS; CARRIERI, 2015), mas sim, se reconhece que há diferentes visões, correspondentes aos distintos sujeitos envolvidos nesse processo, quanto às informações vindas do passado (COSTA; SARAIVA, 2011).

Nesse sentido, foi possível identificar algumas caracterizações de como era o espaço da Lama na década estudada. O trabalhador 1 lembrou que, na década de 1980, a Lama era formada por cinco bares; eram eles: Cochicho da Penha, Chega de Conversa, Uns, Argentino e Socó. Sendo o Argentino, o primeiro bar da Rua da Lama, ainda segundo o trabalhador 1. Destes citados, apenas o Socó se localizava mais afastado, como segue a figura e legenda posterior:



Figura 4 – Mapa da Avenida Anísio Fernandes Coelho, no ano de 2003.
Fonte: Google Earth, aplicativo, modo histórico.

Legenda da figura 4:

A faixa destacada em amarelo refere-se Avenida Anísio Fernandes Coelho, onde, de fato, a Rua da Lama teve seu início.

1: Prédio Flórida, construção mista de apartamentos residenciais nos andares superiores e lojas comerciais no térreo. Foi o prédio que abrigou o Cochicho da Penha desde sua inauguração em 1983, até final da década de 1990, quando se mudou para o prédio 4, na época, recém construído, conforme informado pelo trabalhador 1. No prédio Flórida também estavam localizados outros bares, vizinhos do Cochicho, como por exemplo o Uns e o Chega de Conversa.

2: Localização do Socó: nas palavras do frequentador 4, “Era um trailer [...] de quatro por quatro [metros], que tinha um freezer, que tinha um vídeo-cassete pendurado na árvore”.

3: Localização do bar do Argentino. Este bar ficava ao lado do prédio Flórida, em um terreno onde foi construída a estrutura do bar. O espaço físico do Argentino foi lembrado pelo trabalhador 1, “a única coisa cimentada [...] era a cozinha e o lugar dos freezers.. o resto era um areal, que ele botava igual aquelas barraquinhas de praia, aquelas mesas com barraquinha de praia em cima pros clientes sentarem”.

4: Na década de 1980 esse prédio não existia e foi lembrado por vários sujeitos como um terreno baldio. Atualmente abriga grande número de organizações que ajudam a compor a Rua da Lama contemporânea.

5: Esse ponto era onde se localizava o portão principal da UFES na década de 1980.

6: Para deixar registrado, a casa dos avós da pesquisadora.

Diante da tentativa de ilustrar a Rua da Lama na época da pesquisa através das narrativas, pode-se ter uma ideia de como era formatada a configuração física desse espaço na cidade, na época de sua formação. Ressalta-se que o mapa acima é referente ao ano de 2003. Foi retirado de um aplicativo de mapas e é a foto de satélite mais antiga à qual se teve acesso na pesquisa. Ressalta-se que o mapa foi impresso e mostrado para os entrevistados que se lembravam dos bares que compunham a Lama dessa época. Contudo não foram todos, apenas dois apontaram efetivamente por se lembrarem mais dos bares da época.

De acordo com os frequentadores 2, 3 e 6, o público da Lama na época era composto por estudantes, profissionais recém-formados, intelectuais, artistas. Tal informação se confirmou na fala do trabalhador 1, incluindo nessa lista jornalistas e sendo mais específico: pessoal do teatro, cinema e televisão capixaba, professores da UFES. Sobre os bares que havia na época, eram “basicamente cinco”, mais precisamente lembrado também pelo trabalhador 1: Cochicho da Penha, Chega de Conversa, Uns, Argentino e Socó. O nome do bar Chega de Conversa, segundo lembrou o trabalhador 2, foi elaborado para contrapor-se ao nome do Cochicho da Penha, fazendo uma oposição entre cochicho *versus* conversa.

O Socó, como mostrado no mapa, localizava-se um pouco mais afastado dos demais, era “um trailer que vendia hambúrguer”, conforme lembrado pelos entrevistados 1, 4 e 5. A comida servida pelos bares desse espaço, segundo os participantes 1, 3, 4, 5 e 6, também era um diferencial. No Cochicho da Penha, ou só

Cochicho, eram servidas coxinhas de frango, prato que ficou muito famoso e muitos se recordam: “tinha uma coxinha com catupiry que era fantástica. Era enorme, era como se fosse uma refeição. Então aquilo era um atrativo, que era barato, gostosa, acompanhado de boa música, um local excelente”, lembrou o frequentador 5.

O frequentador 6 lembrou-se também das empanadas do Argentino e fez a relação entre os valores praticados, o tamanho do prato e o público do espaço:

No Argentino, inclusive, as pessoas saíam de vários locais da cidade pra vir comer uma empanada que eles tinham, que era super famoso! [sic] Super famoso! Era tipo assim, se você comesse dois empanados você não precisava de jantar! [sic] Então, as pessoas ficavam ali a noite inteira se divertindo, tinha música, e não gastavam muito, né... Então era uma coisa muito voltada para o público jovem, que não tinha muita grana.

Ainda sobre as empanadas do bar Argentino da Lama da década de 1980, de acordo com o frequentador 5:

O Argentino, por sua vez, era a empanada argentina, que é uma coisa imbatível, né [sic]. Inclusive ele fazia a empanada com o molho chimichurri, que é um molho bem argentino mesmo, que acompanha as carnes argentinas. Também não era caro e era uma variedade muito grande de empanada. Então isso chamava a atenção porque os estudantes têm pouco dinheiro sempre, então com uma coxinha maravilhosa ou uma empanada maravilhosa, a gente passava a noite.

Assim, através das narrativas dos oito sujeitos de pesquisa, a Rua da Lama da década de 1980 foi descrita. Essa Lama que não existe mais, está apenas na memórias de seus antigos frequentadores. Segundo Nora (1993) a memória transporta uma vida experimentada pelos grupos que ainda estão vivos e que podem transmitir essas experiências passadas. Assim, as experiências vividas em tal espaço, estão no passado, por isso não existem mais, mas estão sendo compartilhadas desde então por todos os grupos que ali frequentaram. Essas memórias guardadas e compartilhadas ao longo do tempo acompanham a história da Rua da Lama até os dias atuais.

Depois da explanação do conteúdo obtido nas narrativas dos sujeitos sobre o lócus de pesquisa na década pesquisada, seguem nos próximos itens as três categorizações dos dados analisados.

4.2 O ROCK DA LAMA: PONTO DE ENCONTRO, CULTURA, MÚSICA E POESIA – A ROMANTIZAÇÃO DO ESPAÇO¹

Desde seu surgimento, como já mencionado, a Lama sempre se caracterizou por ser um território simbólico na cidade, e jamais por um endereço fixo ou formal. A Rua da Lama da década de 1980 foi descrita pelos respondentes como um espaço na cidade composto por alguns bares, próximo à UFES, onde se ouvia boa música. As falas dos antigos frequentadores entrevistados diziam respeito a um espaço que funcionava como ponto cultural na cidade.

Conforme os relatos, as opções de lazer e cultura, em tal década, eram poucas, e, na Lama, os jovens, a maioria de vinte e poucos anos, alguns estudantes da universidade, outros recém-formados, tinham contato e se envolviam com os movimentos culturais. Movimentos como o *punk*, movimentos políticos da época (marcados pelo fim da Ditadura Militar no Brasil), além de música, poesia, artistas de rua e intelectuais da cidade.

Os percursos narrativos sobre a Lama da década de 1980 iniciaram-se espontaneamente a partir de uma tônica de romance; a fala do frequentador 2, por exemplo, foi categórica nesse sentido: “A Lama era mais romântica”. Esse mesmo participante comentou:

[...] a Lama da nossa época, era uma Lama mais voltada pra cultura, pra musicalidade, pra poesia. Tinha poeta que escrevia os textos lá. [...] eu acho que tinha mais esse romantismo, tinha mais poesia, tinha mais música, [música] popular brasileira, mais sensibilidade, entendeu?

Outro participante também lembrou:

Até hoje, se você for no Cochicho tem uns quadros, assim, pendurado lá [sic], eu anotava aquelas poesias, que eu achava o máximo, aquelas poesias [...] era um mundo que realmente, no meu dia-a-dia, em outros locais, eu não teria condições de ver (referente ao frequentador 4).

¹ No vocabulário popular entre os capixabas (principalmente na década de 1980) o termo "rock" não se refere exclusivamente ao ritmo de música e sim uma menção às saídas na noite. Nesse caso, "ir para o rock da Lama" não era para ouvir rock e sim sair à noite, independente do que tipo de música que iam ouvir no espaço da Lama.

Os discursos captados, em sua totalidade, iniciaram-se em grande medida dessa forma: romantizada. Os entrevistados apresentaram o local como um espaço cultural na cidade, onde era possível encontrar poetas e ler suas poesias, cantar numa roda de música ao vivo até o dia amanhecer ou então ver artistas performando suas coreografias em algum canto da rua. Tais aspectos culturais, na concepção dos sujeitos, não eram encontrados em outros espaços na cidade de Vitória, na década de 1980. Sendo esse um ponto favorável para que o espaço fosse frequentado. Era também um ponto de encontro casual dos amigos da época, podendo ser, a Lama, o início ou o fim de noite, como todos contaram nas entrevistas.

Nessa primeira categoria, os discursos tiveram uma homogeneidade notória. Não obstante, as memórias de todos os participantes tiveram um tom de saudosismo da época em que estavam na juventude, lembrando, em sua maioria, somente as coisas boas que ali ocorreram e os momentos de prazer que vivenciaram. As falas foram marcadas por uma sensibilidade e nostalgia de um tempo que passou, em que todos eles eram jovens e que estavam ali em busca de diversão. As lacunas nas memórias mostraram que tais lembranças se modificaram a fim de encontrarem uma nova forma de pensar tanto o passado quanto esse objeto, no caso a Lama, que existe até hoje, no mesmo espaço físico na cidade. Tal uniformidade do discurso denota uma maneira agradável de lembrar o passado. Dessa forma, caracterizam-se tais memórias como reapropriações de uma vida simbólica que não existe mais, mostrando como as lembranças reconstroem os significados compartilhados em tal época (BARROS; CARRIERI, 2015; IPIRANGA, 2010).

Nas falas identificadas no início das entrevistas e categorizadas como romantizadas, tais frequentadores relataram o espaço como um lugar de encontro de amigos. Por exemplo: “E a Rua da Lama a gente se encontrava para tomar uns *drinks*, sonhar, contar dos sonhos realizados” palavras ditas pelo frequentador 1. Na seguinte fala também fica explícito tal romantização das histórias vividas: “Foi uma época que ela retrata uma filosofia de vida, de paz, amor, de harmonia, de solidariedade, a coisa não passava só pelo individual, mas também pelo coletivo [...] havia uma interação, uma interação muito saudável, muito tranquila”, mostrado na narrativa do frequentador 3.

Destacadas as lembranças anteriores das entrevistas transcritas, fica claro, conforme Halbwachs (2006) que os fatos e os eventos que ali ocorreram nas idas à Lama tornam-se menos importante do que os sentimentos compartilhados. Tais memórias, que se mostraram comum a todos, só foram identificadas dessa forma pela pesquisadora porque esses frequentadores tinham um envolvimento em comum, com um mesmo propósito, que se dava no contexto histórico de serem jovens e de irem a tal espaço em busca de diversão e prazer.

Para Certeau (2007), a memória pode ter um caráter relativo, transformando situações que ocorreram no passado. Assim como foi evidente a homogeneidade nas narrativas dos sujeitos dessa pesquisa, as histórias pessoais não tiveram destaque nas entrevistas. O que se realçou foi um discurso saudosista e nostálgico, que aqui foi chamado de romantizado, misturando características de uma época que não existe mais e os acontecimentos vividos no passado de cada sujeito entrevistado.

Assim, pode-se destacar que as memórias desses sujeitos reconstroem-se ao longo do tempo. Tais processos são evidenciados na medida em que se identificou não terem sido relatados fatos concretos ocorridos e sim as narrativas terem se concentrado essencialmente em sentimentos e emoções associadas a ocorrências lembradas ou construídas. Sentimentos estes, referentes às vivências ocorridas neste espaço. Dessa forma, o que lembraram hoje dos fatos ocorridos na década de 1980, foi uma construção que se deu ao longo do tempo e, convém salientar, tal construção sofreu transformações nesse decorrer.

Outro ponto relatado pelos entrevistados foi que, na referida década, os meios de comunicação tinham características diferentes; por isso, alguns sujeitos chamaram os encontros na Lama de “espontâneos”. Conforme os entrevistados 3, 5 e 6, não se marcava horário para se encontrarem na Lama. Na fala do frequentador 3: “Saía da UFES e ia pra Lama, pra encontrar os amigos, ou ia em casa e saía. E saía mesmo pra curtir a noite, com grupo de amigos, entendeu? E nos vários bares e pontos que tinha ali, [sic] que as pessoas se encontravam”. O frequentador 5 contou:

E foi assim que foi começando a Rua da Lama, as amizades foram brotando ali, e foi surgindo um público da rua mesmo [...] Então a coisa começava no Cochicho (item 1 no mapa), ia pro Argentino (item 3 do mapa) e depois migrava pro Socó (item 2 do mapa), até o

amanhecer. E ficava cheio, o pessoal já saía da universidade pra ali. Foi uma coisa automática [...] era automático o caminho de ir pra lá. E ali, nossa, ali teve altos, altas conversas assim, se aprendia muita coisa também [sic].

Fazendo a sobreposição no mapa apresentado no item 4.1, a noite se iniciava no 1 (Cochicho da Penha), passava pelo 3 (Bar do Argentino) e terminava no 2 (Trailer do Socó). Haveria, portanto, uma movimentação dos jovens frequentadores no decorrer da noite, não caracterizando a preferência por um só bar. Essa movimentação também foi lembrada pelos frequentadores 3, 4, 5 e 6. Tal circulação se dava, segundo as lembranças narradas, por motivos diferentes: ir atrás de uma boa música, encontrar amigos que estavam em outros bares e comer ou beber algo específico.

Ainda sobre os encontros, conforme os relatos, não era necessário marcar um encontro na Lama, embora algumas vezes esses encontros fossem marcados. Segundo as narrativas contadas, o sujeito ia para a Rua da Lama mesmo sozinho e encontrava sempre alguém conhecido, como se percebe a partir do uso do termo “automático” na fala anterior. O termo usado pelo frequentador 5, “automático”, também pode-se trazer à tona no sentido reconstrução do significado, quando determinadas lembranças do passado sofrem transformações em função do presente, segundo Halbwachs (2006).

Essa lembrança de encontros automáticos se relaciona ao fato de que, atualmente, essa geração de entrevistados faz uso da *internet* e de ferramentas tecnológicas para a interação social, mas não de uma maneira corriqueira como os jovens de hoje. Para muitos, a espontaneidade pode ter se perdido com o uso de tais ferramentas. Então, para eles, o uso da palavra “automático” tem um significado específico, relacionado ao fato de se encontrarem na Lama aparentemente sem uma combinação prévia. Contudo, seria esperado que se encontrassem nesse local em determinados horários, visto que a Lama já era um espaço compartilhado pelo grupo de amigos.

Além disso, é importante destacar que, segundo os próprios entrevistados, os jovens consideravam que, à época, havia poucas opções de lazer, o que, segundo suas falas, fazia com que se encontrassem nos mesmos lugares cotidianamente; entre eles, estava a Lama. Dessa forma, os termos usados nas entrevistas para

caracterizar os encontros e as interações, como, por exemplo, “automáticos” e “espontâneos”, revelam construções romantizadas e nostálgicas dessas memórias. Memórias estas, construídas em relação às vivências contemporâneas desses sujeitos, de forma que, o que se constrói sobre as interações pregressas se opõe às representações do real, produzidas e reproduzidas sobre vivências atuais.

Outro ponto que se percebe nitidamente em algumas entrevistas foi a relação entre os estudantes da UFES e os frequentadores da Lama, como no caso da fala anterior, e também da próxima:

Então, a turma que frequentava, da universidade que frequentava lá, passava o dia todo lá dentro, estudando, fumando um baseado, jogando, brincando, à toa, dentro do centro acadêmico, e de noite ia pra Lama [sic]. Era o que o pessoal fazia.

O que também contribuiu para categorizar tais discursos em termos de uma romantização da Lama da década de 1980 foi o fato de todos os entrevistados contarem que dos amigos da época que juntos frequentaram a Lama, muitos são amigos até os dias atuais. Conforme aponta Nora (1993), há um apego que mantém as relações, mesmo havendo um distanciamento histórico, tais lembranças estão salvas nas memórias. Destacam-se as falas: “[...] ficava com a rapaziada da universidade, fiz amizade com o pessoal da universidade, que até hoje são meus amigos”, segundo o frequentador 4. Outro entrevistado, o frequentador 6 ressalta:

Dos meus amigos que eu convivi na Lama, até hoje, a gente pode até não se encontrar porque um foi pra um lugar no Brasil [...] mas a gente continua a mesma amizade. Se a gente se encontrar é como se o tempo não tivesse passado [...] A amizade foi construída durante toda essa década, não só na Rua da Lama, mas a Lama fez parte, e ficou, essa amizade ficou, até hoje, amizade de muitos anos.

Ainda que tal realidade, de encontros na Lama, não seja mais vivenciada na contemporaneidade por esses sujeitos, resta, todavia, em cada um dos antigos frequentadores, um afeto de uma vida simbólica pregressa. Novamente ressaltando Nora (1993) e também Halbwachs (2006), todas as memórias captadas nessa pesquisa podem ser consideradas coletivas, pois tais lembranças fazem parte de um grupo de pessoas, que, mesmo sem se conhecerem, mantêm um passado em comum. Dessa forma, corrobora o conceito de memória coletiva, uma vez que as lembranças são individuais, mas estão ligadas por um contexto social comum. Neste caso, no contexto de serem frequentadores de um mesmo espaço de sociabilidade,

numa mesma época. Dos grupos de amigos que frequentaram juntos tal espaço, segundo o relato de todos os sujeitos de pesquisa, muitos se mantêm amigos até os dias atuais. Sendo assim, mais de 30 anos de amizade.

Dois entrevistados deixaram claro que, além da manifestação cultural, havia a contribuição não só da turma de estudantes, mas também do público intelectualizado da cidade na época: “Só tinha intelectual [...] frequentava o máximo da intelectualidade capixaba! O pessoal do teatro, cinema, televisão, de jornal, estudante da UFES, professores da UFES, frequentavam muito”, de acordo com o trabalhador 1. Em uma segunda opinião de outro participante, o frequentador 5: “E ali, nossa, ali teve altas conversas assim, se aprendia muita coisa também [...] os intelectuais da UFES iam pra lá”.

Contudo, um ponto que chamou a atenção nessa aparente homogeneidade da construção das referidas memórias, esteve presente duas falas que mostram outras visões sobre a Lama da época. Tais falas referem-se ao trabalhador 1 e ao frequentador 4.

É, o problema é o seguinte: isso aqui sempre foi tido como um lugar maldito, né? Entre aspas. [sic] É, inclusive, as famílias, quando o filho dizia “eu vou pra Lama”, nego morria de medo, porque achava que só tinha drogado e doido [sic] (trabalhador 1).

Ressalta-se também na fala do frequentador 4: “Eu lembro que era muito bicho grilo! Só dava bicho grilo! Era só bicho grilo”. Seis dos oito entrevistados relatam de forma clara que o público da Lama era composto por estudantes, profissionais liberais, professores e servidores da UFES, entre outros, mas nenhum desses seis se lembrou do “bicho grilo” ou “drogado e doido”. A divergência é percebida na fala dos entrevistados e demonstra uma visão do espaço da Lama da época, pois não são somente os fatos que se fixam na memória, mas a forma com que se partilhou o momento (HALBWACHS, 2006). Assim, tal divergência de lembranças do público que frequentava a Lama encontrada nas memórias dos sujeitos pode ser explicada por diferentes autores.

Em determinadas falas os sujeitos se lembraram dos “intelectuais”, em outras falas, se lembraram dos “doidos” e “bichos grilos”. Os rótulos para os frequentadores, aparentemente muito diferentes um do outro, lembrados pela maioria, também

denota e contribui para uma romantização do espaço da época, nas lembranças que se tem hoje. Nora (1993) diz que a memória é sempre atualizada porque não se apega a detalhes, mas em vastas lembranças do passado. Dessa forma, a lembrança é um movimento de retorno ao passado e volta para o presente. Barros e Carrieri (2015) afirmam que acessar as características do passado não significa achar uma verdade absoluta, assim, a memória está em busca constante de pensar sob uma nova forma algum determinado objeto. Então, o que no passado poderia ser considerado um "bicho grilo" ou "drogado" para alguns, para outros, por não ter influenciado diretamente em suas vidas, o fato não se torna importante a ponto de ser lembrado na contemporaneidade. O que ficou marcado para os seis, que não se lembraram dos drogados ou bicho grilo, foram as lembranças positivas sobre o espaço.

Assim, a heterogeneidade em relação às memórias compartilhadas, a qual foi evidenciada nas narrativas em relação ao público que frequentava a Lama, marca claramente a relação entre História e memória, trazida por Nora (1993) e Veyne (2008). Tais autores ressaltam que a História anula parcialmente os fatos, pois não há lacunas e falhas, ela é contada de forma linear. Todavia, a memória que se tem, sobre uma realidade vivenciada, contempla, sim, tais lacunas e falhas. A memória carrega, além dos fatos acontecidos, os sentimentos experimentados. Assim, a memória age como um elemento cognitivo, sempre ampliando e conseqüentemente transformando a História. Desse modo, para Adorisio (2014), a lembrança é relacional e há diferentes maneiras de se lembrar do passado ao longo do tempo.

Não obstante, é particularmente interessante observar que, em alguns momentos, as memórias seguem percursos narrativos aparentemente contraditórios. Uma das falas emblemáticas nesse sentido é um trecho da entrevista do trabalhador 1, quando ele lembra: "porque achava que só tinha drogado e doido" (convém contextualizar que tal respondente enquadra-se em um perfil diverso dos demais frequentadores da Lama, tanto por suas apropriações do espaço à época - enquanto empresário - quanto por sua faixa etária, em média 20 anos maior que a dos demais entrevistados). Assim, quando ele afirma que "inclusive, as famílias, quando o filho dizia 'eu vou pra Lama', nego morria de medo [sic], porque achava que só tinha drogado e doido", ele conforma um interessante caleidoscópio a ser analisado em relação a tais memórias.

Nesse sentido, tais contradições, reveladas nas falas anteriores, ditas nos dias atuais, evidencia a própria romantização da Lama da época por alguns entrevistados. Outros sujeitos de pesquisa trouxeram à tona rótulos como estudantes, ou recém-formados, ou cantores e até "bicho-grilo"; já um deles cita "drogados e doidos" em sua narrativa. Nota-se que, nas falas dos entrevistados que eram os jovens frequentadores da Lama na década estudada, os rótulos evidenciam tipos aparentemente "normais" para os então jovens. Na fala do trabalhador 1, que possui uma idade diferente dos frequentadores, sobressai o "doido" e o "drogado", o que demonstra que já havia, para outras gerações, rótulos diferentes para aqueles que frequentavam a Lama da época.

É interessante, inclusive, destacar que esta última referência em muito lembra algumas das percepções atuais sobre o público da Lama. Alguns dos próprios entrevistados, antigos frequentadores, no final das entrevistas, deram pistas de suas opiniões do público atual da Lama. Comumente na despedida, os participantes mencionaram algo sobre a Rua da Lama contemporânea para a pesquisadora. Sempre com comentários de que "a Lama não é mais a mesma" ou "os jovens estão diferentes" e até mesmo em relação ao uso de drogas no espaço, como mencionaram que "a droga rola solta hoje em dia".

Diante da contradição acima revelada em uma das falas (a qual foi trazida por um dos sujeitos que era mais velho e tinha relações diferentes com o espaço que os outros entrevistados) os respondentes - antigos frequentadores da Lama - tinham o mesmo rótulo atribuído pelas famílias, que tais antigos frequentadores entrevistados, atribuem hoje, para os jovens que lá frequentam na contemporaneidade. Assim, pode-se notar que as memórias se transformaram ao longo do tempo, sendo reconstruídas com os anos, de forma que se passou a atribuir diferentes significados aos fatos ocorridos, conforme destaca Ipiranga (2010). Nesse sentido, traz a tona uma análise em espiral, quando há um novo ciclo de recomeço. Quando se está inserido no contexto se tem uma percepção e quando se está fora a percepção é alterada.

Bem como para Halbwachs (2006), que ressalta que a memória está suscetível ao esquecimento, podendo as lembranças sofrerem deformação ou manipulação. Nesse sentido, admite-se que as memórias e lembranças relacionadas a um

contexto sócio-histórico, emergem no presente através de narrativas organizadas conforme uma interpretação atual do passado (ADORISIO, 2014). Assim, a memória está em permanente evolução, de acordo com as contradições, ambiguidades e heterogeneidades identificadas nas falas anteriores, dos antigos frequentadores e empresário da época.

Destarte, as narrativas também foram caracterizadas pelos sentimentos e emoções relacionados às lembranças de uma época e um espaço na cidade que não mais existem, mas foram captadas pelas falas obtidas em campo, no contexto sócio-histórico atual. Trata-se da Lama da década de 1980, significada como um espaço de liberdade na cidade, categoria emersa do campo. Esse foi o tema da segunda categoria de análise dos dados coletados, como segue no próximo item.

4.3 AS DIFERENTES RELAÇÕES SIMBÓLICAS COM O ESPAÇO DA LAMA NA DÉCADA DE 1980: "ERA COMO SE FOSSE UM TERRITÓRIO LIVRE"

No decurso das oito entrevistas realizadas, os pesquisados narraram suas relações com o espaço da Rua da Lama na década de 1980. Ao longo da pesquisa de campo foram percebidos os diferentes símbolos, que os antigos frequentadores relacionavam ao objeto estudado, tais símbolos caracterizados por uma constante reconstrução de significados. Parte do título desta categoria surgiu a partir da fala de um dos sujeitos, o frequentador 5. A fala, "era como se fosse um território livre", foi destacada, pois, na interpretação da pesquisadora, reflete os percursos narrativos específicos que se repetem nas falas de todos os participantes, manifestando certa homogeneidade nas lembranças narradas. Tal fenômeno, portanto, valida a construção de uma memória coletiva em relação ao objeto.

Ainda destacando as entrevistas, após o início das falas de cada um, o tom de saudosismo e nostalgia (o que aqui foi categorizado como a romantização da Rua da Lama da década de 1980, conforme analisado no item anterior), abriu espaço para as lembranças dos momentos compartilhados. Já no momento da pré-análise dos dados, percebeu-se que as narrações se davam em um ritmo mais lento de fala, fato que pode ser atribuído ao esforço de se lembrar de momentos vividos há

aproximadamente 30 anos, ou mesmo à construção da narrativa ao longo da própria entrevista. Assim, a lembrança que veio à tona através de uma construção, passou a existir concretamente ao ser narrada. Então, o processo de construção da memória não se dá apenas cognitivamente, mas também a partir da linguagem, dando corpo e sentido ao que o indivíduo se lembra em relação a determinados períodos ou acontecimentos.

Nesse sentido, junto ao manifesto sentimento de saudade de uma época vivida no passado, os entrevistados descreveram o espaço físico daquela época (sua composição e formatação) e como se movimentavam nesse espaço. As narrativas foram marcadas por idas e vindas de ideias e, conseqüentemente, das histórias vividas, fenômeno que está de acordo com o que afirma Certeau (2007), argumentando que, na prática, a memória não é organizada. Também se ressalta que as lembranças trazidas retratam construções simbólicas que estão sujeitas a reinterpretações ao longo do tempo. A forma de se lembrar individualmente se constrói hoje, a partir das relações vividas de maneira coletiva no passado. Reconhece-se, portanto, que a memória é parcialmente lembrada e por isso, parcialmente esquecida. Sendo assim, as lembranças estão sujeitas a transformações, reconstruções e ressignificações ao longo do tempo (BARROS; CARRIERI, 2015; HALBWACHS, 2006; NORA, 1993).

Na análise das entrevistas, foi possível identificar diferentes símbolos que se mostraram comuns a todos os antigos frequentadores participantes. Símbolos estes que se mostraram relevantes para a compreensão das relações simbólicas formadas em tal espaço. Além disso, notou-se uma relação de construção simbólica dos sujeitos com o espaço público da rua: uma avenida comum de um bairro que se transformou em espaço simbólico chamado Rua da Lama, ou simplesmente Lama, na década de 1980 (e assim tal região é conhecida até os dias atuais). Dessa forma, não somente o espaço se tornou um símbolo, como também as experiências das pessoas vividas e compartilhadas em tal espaço tiveram representações construídas a partir de determinados aspectos simbólicos e que foram identificadas nas narrativas.

Os símbolos identificados como sendo comuns aos participantes foram construídos simbolicamente ao longo de todo esse tempo e assim foram se tornando

representativos aos frequentadores da época. Por serem compartilhados, os símbolos também são públicos. Segundo Morgan, Frost e Pondy (1983) os símbolos são criados depois de viver experiências, podendo ser compartilhados por um grupo. Ainda para os autores, há um movimento de criação e recriação dos símbolos por parte dos grupos que o compartilham. No caso dos antigos frequentadores, tais símbolos ajudaram na interpretação da realidade social desse espaço na época, confirmando que eles foram passíveis de ressignificações e transformações ao longo do tempo. À vista disso, favoreceram a integração social das pessoas dentro de um espaço organizacional, o transformando continuamente em um espaço contemporâneo na cidade.

O primeiro símbolo compartilhado a ser destacado refere-se ao tipo de música tocada nos diversos bares da Rua da Lama na década pesquisada. Na opinião de todos os participantes, nesse espaço-tempo, podia-se ouvir "uma boa música". Em todas as narrativas a música foi um destaque. Inclusive, houve menções específicas à presença de músicos, que, para os pesquisados, representavam a música de qualidade na cidade. A relação dos sujeitos de pesquisa com a música tocada na época é marcada por uma integração e intimidade do espaço simbólico da Lama com o público que o frequentava. Assim, a música funcionou como uma linguagem própria para os frequentadores do espaço e tornou-se um símbolo compartilhado entre eles. De acordo com Halbwachs (2006), a música faz com que um determinado grupo da sociedade se torne mais restrito e seletivo que outros. Então o sentimento musical ou o sentimento que a música desperta nos indivíduos, ocupam lugar na memória de cada um. Este sentimento de seletividade favoreceu que o espaço-tempo da Lama fosse marcado por tal integração e intimidade na relação espaço e o público que o frequentava.

Destacam-se algumas falas: "Os músicos da cidade [...] se encontravam na Rua da Lama. Convergiam muito a parte musical da cidade pra Rua da Lama. Nós tínhamos um sax muito bonito [sic]" para o frequentador 2. Na memória do frequentador 5: "o Cochicho tinha uma excelente música. Os músicos fechavam a noite lá. Inclusive o Cochicho tinha músico sempre. [...] Essa é uma característica positiva". O frequentador 6 se lembrou: "Ali tinha shows, o Argentino foi um lugar que marcou muito a noite da Lama. E também eu me lembro que a gente gostava muito [...] os músicos né, eles vinham, então eles cantavam, tinham vários em cada barzinho

[sic]". Assim, reconhece-se a Rua da Lama como uma organização constituída através de uma construção simbólica, a qual perpassam diferentes aspectos da vida e se manifestam complexos padrões de atividades culturais. Tal reconhecimento, de organização construída através de aspectos simbólicos, vai de acordo com as teorias de autores Morgan, Frost e Pondy (1983) e Turner (1990).

O segundo símbolo identificado nas narrativas foi o espaço como sendo um ponto de encontro com os amigos da época. Em todas as entrevistas as memórias foram marcadas pela tônica de encontro. Este símbolo, compartilhado por todos os respondentes, sob o olhar interpretativo, pode ser compreendido como aspecto que contribuía para a produção de sentido atrelado ao espaço Rua da Lama para seus frequentadores (MORGAN; FROST; PONDY, 1983). Na lembrança do frequentador 3: "Saía da UFES e ia pra Lama, pra encontrar os amigos". O frequentador 2: "Porque era um encontro, o que me marca é isso, entendeu". Assim, tais memórias representam um aspecto simbólico relacionado a uma época nesse espaço estudado. Para os frequentadores do espaço em tal década, participantes da pesquisa, a Lama é caracterizada pelos encontros de amigos e conhecidos, o que corrobora este espaço como sendo uma construção simbólica marcada por aspectos da vida cotidiana que deram sentido ao espaço.

O terceiro símbolo, associado pelos entrevistados e percebido pela pesquisadora, foi a comida servida pelos bares da Rua da Lama na época. As narrativas revelaram uma homogeneidade em tal aspecto, descortinando certo consenso entre significados compartilhados por um grupo (BOURDIEU, 1989). A comida, segundo os respondentes, era boa e acessível para estudantes, "Era uma coisa muito voltada para o público jovem, que não tinha muita grana", de acordo com o frequentador 6. Ainda evidenciando as memórias, o frequentador 5 destaca: "Tinha uma coxinha com catupiry que era fantástica. Era enorme, era como se fosse uma refeição. Então aquilo era um atrativo, que era barato e gostosa". Turner (1990) aponta que o símbolo se relaciona com a lembrança de algo que oferece algum sentido. Portanto, a comida "boa" e "barata" caracteriza um consenso de um símbolo que se tornou parte da cultura da Rua da Lama da época.

O tipo de comida servido pelos bares teve um sentido compartilhado nas narrativas dos sujeitos. Segundo os respondentes, a comida era uma das motivações pelas

quais os jovens iam até a Rua da Lama. Durante a análise, os dados demonstraram que o perfil do público era propício para o consumo do tipo de comida oferecida pelos bares da época: "barato e gostosa" [sic]. Nesse sentido, o símbolo da comida, compartilhado pelo público, também fazia parte da socialização do espaço da Lama.

O último símbolo encontrado na análise das narrativas, sendo considerado pela pesquisadora o mais significativo, foi classificado como o elemento central da segunda categoria. O principal símbolo compartilhado nas memórias dos antigos frequentadores foi a liberdade. As narrativas atuais sobre a década de 1980, o sentimento de liberdade, foi destacado por todos os participantes, sem exceção. Na contemporaneidade, os antigos frequentadores deste espaço associam as vivências da época marcadas por tal sentimento e emoções relacionadas. Muito embora os símbolos sejam criados e recriados a qualquer momento e possam ter diferentes significados de uma pessoa para outra, eles são fundamentais no entendimento das sucessivas transformações (MORGAN; FROST; PONDY, 1983; SARAIVA; CARRIERI, 2008), como é o caso deste estudo. Nesse sentido os símbolos funcionaram como ferramenta para compreensão de experiências vividas e dar um sentido a tais experiências (TURNER, 1990). No caso da Lama, o símbolo compartilhado de liberdade caracterizou aquele espaço-tempo como sendo um "território livre".

Nas falas abaixo destacadas, percebe-se este símbolo comum a todos os participantes: "Existia o respeito e a liberdade" frequentador 1, "Liberdade de expressão" frequentador 3, "Liberdade total" frequentador 5, ou então: "As pessoas se sentiam mais à vontade de se expor", na lembrança do frequentador 6. A liberdade foi exemplificada pelo trabalhador 1: "Se você tivesse sentado aqui e entrasse um cara com um cabelo azul, ninguém nem olhava pra ele. Certo? Era outro nível".

Não obstante, associados à liberdade, podem ser relacionados outros aspectos mais vagos como o respeito, por exemplo. Destaca-se o respeito, identificado na fala de um dos respondentes, como um dos valores lembrados hoje, os quais perpassavam pela realidade das pessoas da época. O frequentador 1 narrou:

O que eu acho interessante da Rua da Lama daqueles anos é que existe respeito [sic]. Por exemplo, tinha uma casa, que era a casa da sua avó [referindo-se à residência da família da pesquisadora], a

casa não tinha muro, mas existia o respeito, ninguém ultrapassava a cerca viva que tinha ali. Uma cerca, tinha umas plantas, mas a pessoa podia entrar, fazer um toailete ali, mas ninguém fazia isso [sic]

Assim, o símbolo compartilhado de liberdade que todos eles alegaram possuir a Lama de tal década é, também, caracterizado por uma espécie de consenso. Para Bourdieu (1989), o consenso de um símbolo é criado depois de experiências vividas, às quais se atribui um significado compartilhado por um grupo. Dessa forma, o símbolo de liberdade da Lama funcionou como um instrumento de integração social do espaço. Fenômeno este que transformou, a princípio, um aglomerado de cinco bares, em um espaço simbólico compartilhado por jovens na década de 1980. Assim, os jovens iam ao espaço da Rua da Lama em busca de se sentirem livres para serem eles mesmos, conforme relatado por eles, ainda que fosse uma liberdade relativa, como se pode ver a seguir.

Nesse sentido, o “ser si mesmo” para os respondentes, representa, ainda, uma construção social. O “ser si mesmo”, no contexto da Rua da Lama, de acordo com as narrativas dos entrevistados, compunha-se de um ser construído necessariamente em um contexto de rebeldia e subversão. A liberdade de ser alguém era aceito desde que fosse dentro do que se esperava de um jovem à época, tanto que havia, por exemplo, espaços específicos para comer, para beber, para ouvir música, para usar drogas (conforme os relatos). Neste caso, conclui-se que a liberdade não era total, porque havia determinados comportamentos que, mesmo sendo praticados naquele espaço, eram restritos a determinadas áreas e em determinados momentos.

Nem todos manifestaram a percepção relativa ao uso das drogas, ficou claro em algumas entrevistas que abordam, inclusive, a negação dessa prática. Da mesma forma, a homossexualidade era aceita em termos, pois, conforme os relatos, havia espaços específicos para ser homossexual ali dentro. Nesse sentido, a pessoa precisava se encaixar em algum papel que representasse a liberdade compartilhada no espaço. Assim, “ser si mesmo” não significa ser qualquer um, representa ficar restrito a um tipo de comportamento que fosse tido como legitimamente livre. Dessa forma, a pessoa não podia ser “qualquer coisa”, mas sim precisava adequar-se ao que era aceito e legitimado, dentro dos padrões da liberdade da época.

Assim, de acordo com Morgan, Frost e Pondy (1983), os aspectos simbólicos que podem ser manifestos através de objetos, atos, conceitos ou linguagens, tornam-se itens básicos de compreensão do cotidiano. Desse modo, o símbolo liberdade, em relação ao espaço de sociabilidade estudado, teve um papel de norma ou, ainda, ordem estipulada por um determinado grupo. Nesse caso, dos diferentes grupos que ali frequentaram e compartilhavam dos símbolos em comum.

Percebeu-se que esse sentimento de liberdade narrado pelos entrevistados, através de suas memórias, permitiu a construção de um sentido do espaço comum a todos eles, por isso foi destacado aqui como central desta categoria. Tal sentido apresentou-se atual aos frequentadores, mas foi construído ao longo do tempo e se revelou com significados semelhantes para todos. Nesse contexto, os significados compartilhados demonstram que os indivíduos têm a vocação de produzir e interpretar significados, com o propósito de darem um sentido para suas experiências vividas.

Nesse contexto, entende-se que, embora os sujeitos de pesquisa estivessem inseridos relativamente em diferentes realidades e possuíssem diversos perfis, as experiências vividas no espaço e tempo pesquisados possibilitaram a emergência de símbolos que foram compartilhados por esse grupo. Ainda que tais símbolos tenham sofrido transformações ao longo do tempo, tais experiências lembradas através das narrativas representa uma forma de organizar e interpretar o passado (MORGAN; FROST; PONDY, 1983; TURNER, 1990; SARAIVA; CARRIERI, 2008; ADORISIO, 2014)

Seis participantes situaram a década de 1980 em um contexto de saída do regime da Ditadura Militar no Brasil. Tal período é caracterizado por uma notória repressão a movimentos sociais e manifestações de oposição. Assim, a cultura vivenciada na época foi marcada por tais aspectos relacionados ao período de repressão. Deste modo, conforme os relatos dos participantes, nos bares da Lama nesta década, a tônica nas rodas de conversa era política, arte, música ou engajamento estudantil, como forma de se libertarem da repressão aparentemente imposta pelo regime. Os assuntos de movimentos culturais e políticos faziam parte de uma nova ordem cultural que desejava por fim a uma cultura tradicional.

Tal cultura tradicional não era necessariamente imposta pelo regime militar. Muito do que se demandava naquela época ainda era reflexo dos movimentos vindos da Europa, que buscavam liberdade sexual e de comportamento. Na Europa, isso se dava em contraposição a uma cultura realmente tradicional e patriarcal, altamente conservadora e repressora. A repressão vivida no Brasil, citada pelos sujeitos entrevistados, não era necessária e somente consequência da ditadura, mas se entrecruza com ela. Assim, havia um ambiente político sem abertura para a expressão, que se dava num contexto repressor também no interior das famílias. Nesse sentido, a Rua da Lama configurava-se como um espaço-tempo onde os jovens podiam se expressar sem o sentimento de repressão presente de certa forma em outros diferentes espaços, tanto de lazer, quanto de cultura, de trabalho e de família.

Os trechos a seguir denotam tal característica: "A política sempre foi uma tônica nas mesas [...] teve também uma coisa que foi muito forte lá que foi o movimento *punk*, [...] no fim dos 80 [...] e essas pessoas frequentavam muito a Lama [...] os intelectuais da UFES iam pra lá, entendeu", na memória do frequentador 5. Ou então para o frequentador 2: "E se debatia muito na Lama, entendeu? Essas questões mais políticas e ali nós amanhecíamos o dia, víamos o dia clarear ali, acho que tinha um engajamento, uma visão política maior".

Nesse contexto, a Rua da Lama surge em uma época na qual os jovens estavam vivenciando uma nova fase no país, na década de 1980. Os três primeiros bares a surgirem próximos à Universidade – Cochicho da Penha, Argentino e Socó – se tornaram o cenário perfeito para estudantes, intelectuais, profissionais liberais, entre tantos outros que frequentaram a Lama, debaterem e viverem a política, arte, música, liberdade, homossexualidade, drogas. A localização do espaço favoreceu o tipo de experiências que eram vividas ali. A Avenida Anísio Fernandes Coelho, como já descrita, localizada no final do bairro, na época, contemplava pouca movimentação de pessoas e moradias, característica que favoreceu a concentração de pessoas e música até o amanhecer.

Assim, o símbolo da liberdade se amplia e pode ser caracterizado segundo Morgan (2006). Tal autor sugere que as relações sociais se apresentam diretamente ligadas ao fenômeno cultural da organização. No contexto sócio-histórico estudado, ou seja,

no determinado tempo e espaço da década de 1980, a dimensão cultural compartilhada permitiu compreender porque os sujeitos entrevistados associaram uma rede de significados comuns a todos (GEERTZ, 1989). Cavedon (2008) confirma que a cultura de um dado contexto social se relaciona com os significados dos símbolos compartilhados pelos integrantes de tal contexto.

Na próxima seção encontra-se a terceira categoria de análise. Chega-se ao último ponto do percurso narrativo, em que a liberdade sentida pelos participantes torna-se mais evidente durante as entrevistas. Percebeu-se durante as análises uma maior ênfase neste símbolo. Assim, no contexto de liberdade e sua ampliação para a transgressão é que foi caracterizada a última categoria encontrada.

4.4 RUA DA LAMA COMO UM ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO: "A GENTE VIVIA UM WOODSTOCK TODA SEMANA"

*Se eu gostasse de polícia
Eu mandava te prender
E roubava impunemente
Esse brilho de você
Se esse brilho, se esse brilho fosse meu
Eu saía dessa cama
E lá do alto do Cochicho
Eu ladrilhava toda Lama
E lá do alto do Cochicho, eu ladrilhava toda a Lama²*

Nas duas categorias anteriores foram apresentadas as análises dos dados na sequência de um percurso temático inspirado nas falas de campo. Tais dados emergiram do campo remetendo a uma romantização do espaço simbólico e também de apropriações dos significados dos símbolos ali compartilhados. Nesta terceira categoria, que marca o fim do percurso temático, foram lançadas luzes para as contradições e ambiguidades manifestadas nas narrativas coletadas para esta pesquisa, tendo em vista que estão constantemente em transformação. Assim, para

² Letra da música "Brilho da Lama", de autoria do cantor e compositor capixaba José Moreira, retirada do documentário "Uma volta na Lama" de Úrsula Dart.

dar conta de tais contradições e ambiguidades, a discussão desta categoria traz aspectos de uma reflexão sobre diferentes tipos de apropriação de espaços simbólicos.

Dessa forma, esta última categoria traz a análise do espaço de liberdade compartilhado pelos respondentes, porém de forma ampliada, chegando à transgressão. Nenhum dos participantes assim classificou objetivamente a Lama da década de 1980. Foi após a compilação dos dados e análise de todas narrativas que a pesquisadora chegou nesta classificação, a partir de ditos, não ditos e da leitura das entrelinhas. Isso se mostrou especialmente interessante em termos dos dados obtidos em campo, em virtude das contradições em relação ao discurso romântico da Rua da Lama, identificado no início de todos os relatos.

A letra da música em destaque no início desta seção, composta pelo músico e compositor José Moreira em homenagem ao bar Cochicho da Penha, (ENSAIO GERAL, 2015) dá o tom das contradições e ambiguidades encontradas nos dados, especialmente no discurso não dito. Nesta composição, o autor e também músico, que tocou na Lama durante a década de 1980 (ENSAIO GERAL, 2015), faz menção à polícia (que pode ser relacionada ao símbolo da repressão, já abordado no item anterior).

Dessa forma, associando os dados de pesquisa coletados à letra referenciando a Lama da época, relaciona-se a Lama com a presença da polícia. Em nenhuma das entrevistas referentes aos frequentadores foi apontada ou lembrada a presença de policiais na Lama. Contudo, na análise dos relatos foi possível identificar aspectos que indicaram a possível frequência da polícia nesse espaço, principalmente quando emergiram lembranças sobre o uso de drogas neste. Apenas o trabalhador 2 menciona explicitamente a presença da polícia. Nas lembranças de tal sujeito, quem frequentava esse espaço-tempo, eram pessoas "filhotes da ditadura" e, mais categoricamente: "A gente sempre teve muito problema com polícia, com patrulha de polícia, ali na Lama". Assim, ao aproximarem-se os dados da entrevista do trabalhador 2 à letra da música, observa-se um aspecto ambíguo nas lembranças narradas dos sujeitos, que vai de uma Lama romantizada até quando a polícia era um problema.

Nesse contexto, da mesma forma, destaca-se que o tema das drogas foi lembrado de forma contraditória e ambígua pelos participantes. Um deles, o frequentador 1, ao ser questionado se consumiam-se drogas na Lama da década de 1980, afirmou rapidamente: "Não existia droga. Pelo menos eu não via, não percebia, ou eu era muito infantil, muito ingênuo, mas eu não acredito nisso não. Não tinha droga. Não existia droga. Não existia". Inclusive, é interessante verificar que, mesmo depois de uma série de negativas que buscam reforçar a ideia da não presença de drogas no local, o próprio entrevistado, após alguns instantes de reflexão, lembrou:

Eu acho (eu acho), não vou afirmar categoricamente, eu acho que no Socó tinha uns rapazes, um pessoal mais jovem que tava chegando assim aos 18 anos, que fumava uns baseados, como lá tinha uns cantos mais escuros e tal [sic], davam uma fugidinha ali para dar uma fumadinha [sic], mas nada que incomodasse, não era ostentação, era uma coisa super discreta.

Em outra narrativa, referente ao frequentador 2, também foi encontrada uma forma mais amena para lembrar das drogas:

A droga sempre existiu né, não vamos dizer que não. Mas era mais uma maconhazinha leve né, que, que rolava na república [sic] alguma coisa assim. E a galera já ia mais pra lá, já mais definido, não se consumia droga na Lama, na Lama eu acredito que não existia isso.

Percebe-se nas falas em destaque que a droga aparece de maneira minimizada ou com peso menor. A escolha do uso da forma diminutiva das palavras, como "fugidinha", "fumadinha" e "maconhazinha", remete à tentativa de evidenciar a entrevistadora ocorrências que, na visão dos entrevistados, seriam de menor importância. Contudo, a partir de uma leitura mais atenta desses elementos não ditos ou escamoteados, é possível inferir que as drogas estavam presentes e existiam na Lama de 1980.

É interessante também comparar as narrativas registradas durante as entrevistas às falas enunciadas após estas, já com o gravador desligado. Muitos dos entrevistados teceram espontaneamente comentários sobre a Lama contemporânea, principalmente no que diz respeito ao consumo de drogas pelos jovens frequentadores de hoje. Uma interpretação possível seria referente ao fato de que o elemento "droga ilícita" não foi (ou foi pouco) registrado nas falas simplesmente por não ter marcado ou não estar presente nas lembranças dos sujeitos pesquisados,

mas sim por ser um assunto tabu contemporaneamente. O espaço lembrado da juventude diferencia-se, nas narrativas, em muitos aspectos, do espaço atual, e quase sempre é narrado como um espaço melhor e mais especial, fenômeno que é esperado, conforme já abordado nesta dissertação. Muitos dos entrevistados são, hoje, pais de jovens que frequentam a Lama. Por isso, ao diferenciar o espaço, esses pesquisados podem não remeter a tais assuntos quando se referem à Lama de sua juventude, seja em consequência de um processo consciente ou não.

Dessa maneira, ao colocar suas opiniões sobre o uso de drogas no espaço na contemporaneidade, não se assume abertamente que havia drogas na época. Ainda que alguns tenham assumido francamente, a maioria não se lembrou de imediato. Ainda que as narrativas não sejam integralmente conscientes no que tange à elaboração, mesmo que inconsciente, a memória é o tempo todo cerceada pela linguagem e pela mentalidade atual. Dessa forma, traz-se à tona um discurso não dito espontaneamente, mas enunciado, identificado não só nos trechos acima, mas também em outras narrativas.

Tal discurso, o não dito, no tipo de análise que foi feita nesta pesquisa, ganha importância no sentido de que o sujeito exerce um papel ativo na produção do conhecimento. Sendo o ponto de partida a linguagem verbal e não verbal, esta dita mensagem silenciosa, podendo ser provocada ou não. A linguagem, então, parte do pressuposto da construção social que se modifica e se transforma no curso do dinamismo histórico (FRANCO, 2008). Ainda para esta autora (2008, p. 14), o conteúdo da semântica escondida nas entrelinhas do discurso é rigorosamente "o pão cotidiano da análise de conteúdo". Assim, o conteúdo não dito também se faz importante para essa análise, uma vez que foram identificados nas narrativas, através dos gestos, nas entrelinhas e contradições das falas dos participantes da pesquisa.

Também para autores como Costa e Saraiva (2011) a dinâmica da memória não é una, é social e coletiva; assim, torna-se um desafio, nos estudos que a utilizam, trazer a tona registros não óbvios, mas que são legítimos e precisam ser evidenciados. Dessa forma, através dos não ditos, torna-se evidente, nesta análise, a Lama como um espaço de transgressão. O símbolo da liberdade, trazido na segunda categoria de análise e compartilhado por todos os sujeitos de pesquisa,

passa então por uma reapropriação de sentido, descortinado a partir da análise realizada. O sentido, que, em determinados momentos da entrevista, era de liberdade de expressão, liberdade para ser o que quisesse ser, liberdade de debate de diferentes temas indo da arte até política e filosofia, extrapola, em outros momentos, para um sentido de transgressão. A transgressão, aqui, parte da premissa em duas vias: uma de comportamentos que batem de frente com a norma regente, a qual estabelece o limite de cada indivíduo na sociedade, e a segunda, de comportamentos que eram entendidos como aceitáveis para os padrões da época.

Na narrativa do frequentador 4, o único que falou abertamente sobre a prática de uso de drogas na década de 1980 na Lama, difere das narrativas dos outros entrevistados e evidencia o fato como central em sua fala. Tal sujeito não foi questionado em nenhum momento sobre o assunto drogas, tendo o tema surgido espontaneamente no início da entrevista, logo que foi questionado sobre sua relação com a Lama. Em suas palavras: "Na sexta-feira era um momento, era uma coisa de muita droga, o pessoal gostava muita de droga injetável, né [sic]. Eu lembro muito disso". Esse entrevistado também fez uso do diminutivo quando se tratou de seu próprio uso: "Eu fumava minha maconhazinha", podendo afirmar que foi no sentido de mitigar a importância do fato e não como sendo uma transgressão expressiva em sua visão.

Este frequentador e o trabalhador 2 fizeram referência da Lama da década de 1980 com o "*Woodstock*". O festival, ocorrido no final dos anos 1960, ficou marcado pelo movimento hippie e uso de drogas. Nesse contexto, ainda na narrativa do frequentador 4, observa-se abertamente a referência a outras drogas, ditas no popular como "mais pesadas" e que eram vistas sendo consumidas na Lama:

Assim, eu nunca gostei muito da tal da cocaína, mas eu lembro que aquilo me deixava muito chocado, porque os caras sentavam lá na Rua da Lama assim né, naquela rua no meio daquela rua escura, era uma rua escura, e botavam o laço, né. Botavam o troço para amarrar, pra prender a veia e tomava cocaína na veia. A galera gostava do pico, que a onda era o pico né, era injetar cocaína nos canos [sic].

As contradições e ambiguidades encontradas nas oito entrevistas dão conta de que os fatos são processados em função das necessidades do presente e foram adaptados para as percepções que se tem atualmente. Assim, o tempo exerce na

memória um fator de reapropriação, ressignificação e reconstrução dos significados. Da mesma forma que tais contradições e ambiguidades aparecem de forma fragmentada na memória, identificadas através das narrativas, reconhece-se haver visões distintas de diferentes sujeitos que já estiveram inseridos em um mesmo contexto histórico e social. A memória é, portanto, marcada pelos símbolos e se mantém sempre atual; para isso, apega-se somente a vagas lembranças do passado (NORA, 1993).

Ao trazerem que as lembranças que ficaram da Lama da década de 1980 foram as coisas boas, a exemplo do frequentador 6: "O que me marcou foi o lado bom, o lado da diversão, o lado onde todo mundo se encontrava, onde todo mundo se abraçava [...] todo mundo parecia que tinha meses que não se via e tinha visto na semana anterior". Ainda assim, menciona sobre fatos considerados "negativos" sobre o espaço. Após enfatizar o dito "lado bom", imediatamente narra que havia drogas: "A gente sabia que rolava. Principalmente, acho que mais pro final da rua, que eu acho que era onde tinham os pontos de drogas, muita bebida exagerado [sic]". Nesse sentido, tais idas e vindas da memória conferem ao ato de lembrar uma atividade humana, sendo assim, relacional, passível de modificações ao longo do tempo.

A segunda via de transgressão trazida pelos respondentes diz respeito à transgressão do comportamento tido com aceitável. Os participantes destacam a ligação da liberdade encontrada na Lama da época, como um espaço para serem eles mesmos. Conforme trazido na segunda categoria, o "ser si mesmo" também é relativizado para entrar nos padrões de comportamento do público que frequentava a Lama. Na fala do frequentador 6 fica nítido que a transgressão de regras em relação ao comportamento era uma constante nesse espaço:

Eu me lembro também, uma coisa que me chamava muita atenção, ali que era o local também aonde a gente via as diferenças [...] a época que, por exemplo, do socialismo, as pessoas estavam começando a assumir mais a questão da homossexualidade feminina, o tabu era muito maior que do homem, do masculino [...] tem uns *flashs* na minha cabeça, da gente notar e falar sobre isso [...] um espaço de liberdade [...] do que em outros espaços [...] as pessoas se sentiam mais à vontade pra se expor [sic].

Nesse sentido, fica claro que a transgressão se dá não somente no infringir das normas e leis vigentes no espaço estudado, mas também na questão do comportamento, nos modos de ser, agir, fazer. No contexto estudado, no seio da

efervescência cultural e política dos movimentos da época, no âmbito do que era entendido como um comportamento aceitável, na Lama os frequentadores sentiam-se autorizados a transgredir o padrão. Assim, os comportamentos aceitáveis no espaço-tempo referido representavam uma revolução de costumes da época, que, segundo os respondentes, não se encontrava em outros espaços na cidade.

Nesse curso, o símbolo da liberdade, reapropriado pelos frequentadores do espaço de forma extrapolada, insere-se no contexto de padrões culturais socialmente compartilhados. A ressignificação para um conceito de transgressão foi construída a partir dos aspectos simbólicos compartilhados pelas pessoas que participavam do cotidiano da Lama. Dessa forma, impulsionaram a transformação e evolução do símbolo da liberdade para a transgressão. Conforme Turner (1990), as pessoas criam maneiras de lidar com o mundo através da construção de sentidos para os signos e ainda modificam esses significados a qualquer momento. No caso dos dados analisados, o sentido de liberdade assumia um determinado significado para os frequentadores, que, mesmo enxergando as transgressões ocorridas no espaço-tempo, com o passar dos anos, o interpretaram de uma forma diferente para dar um sentido a tudo o que viveram. Sentido esse que, contemporaneamente, se manifesta na forma de boas lembranças do passado que vivenciaram na Rua da Lama.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz do referencial teórico integrando interpretativismo e simbolismo para abarcar o tema cultura organizacional, combinado às memórias e narrativas, deu-se, nesta dissertação, uma análise sob uma perspectiva interdisciplinar, dentro dos Estudos Organizacionais. Ao resgatar-se a ideia central da pesquisa, que foi compreender a manifestação de aspectos simbólicos relacionados à Rua da Lama através das memórias e das narrativas de sujeitos que a frequentaram durante a década de 1980, pode-se fazer algumas inferências e afirmações após a análise dos dados coletados em campo.

Assim, evidencia-se que as memórias de cada sujeito, em relação ao espaço simbólico chamado Rua da Lama, individualmente, manifestaram-se, de maneira significativa, de forma homogênea nas narrativas captadas. Nesse contexto, afirma-se, conforme Halbwachs (2006), que a memória individual se manifesta através de lembranças coletivas. Ainda que os sujeitos entrevistados nesta pesquisa pertençam a diferentes grupos sociais, com diferentes visões, valores e sentimentos em relação aos aspectos pesquisados, as narrativas mantiveram uma homogeneidade notória. Dessa forma, infere-se que a memória retrata, através das narrativas, lembranças de experiências compartilhadas e vividas em um mesmo contexto histórico. Para Nora (1993), as lembranças antigas adaptam-se às percepções que se têm no presente; nesse sentido, os dados obtidos nesta pesquisa não refletem somente aspectos do passado, mas também, através de sua análise, pode-se interpretar a relação de tais aspectos com o presente.

Os dados coletados em campo através das entrevistas narrativas foram classificados em três categorias de análise. A categorização se deu por meio do que foi chamado aqui de percurso temático, de forma que refletisse a fluidez dos discursos captados. Tal categorização foi construída também em virtude do caráter de construção dos processos de lembrar e esquecer dos fatos ocorridos há aproximadamente 30 anos. Assim, as categorias tiveram como base três núcleos centrais que, embora na

escrita do trabalho mostram-se como uma história contínua, nas narrativas foram notadas ambiguidades, lacunas e não linearidade na execução das falas.

A primeira categoria foi marcada pela romantização do espaço-tempo Rua da Lama. Nos percursos narrativos foi observada, principalmente no início, uma homogeneidade notória relacionando tal espaço a um ponto cultural na cidade. As lembranças se deram em tom de saudosismo e nostalgia de uma época que não existe mais, o que demonstra uma maneira agradável de lembrar e de falar sobre o passado. Assim, foi possível desvendar as constantes reapropriações que as memórias fazem de uma vida simbólica pregressa e mostra como tais lembranças são passíveis de reconstruções dos significados compartilhados em um determinado espaço-tempo (BARROS; CARRIERI, 2015; IPIRANGA, 2010).

Ainda dentro do aspecto de romantização da Lama da década de 1980, foram destacados outros pontos importantes, como os encontros "automáticos" em tal espaço e também em relação ao público que o frequentava. Muitos sujeitos lembram que a Lama era um ponto de encontro dos jovens, mas que não seria necessário marcar objetivamente um encontro com os amigos. Para eles, tais encontros seriam "automáticos" ou "espontâneos". Em relação ao público frequente também foram evidenciados aspectos ambíguos e contraditórios. Grande parte referiu-se a essas pessoas como estudantes, intelectuais e profissionais liberais; outras falas descortinam descrições de tal público como "bicho grilo" ou "drogado e doido". Tais contradições nas falas contribuíram para a classificação da primeira categoria de análise da romantização de tal espaço-tempo.

Seguindo o percurso temático, **a segunda categoria** lançou luzes para os símbolos compartilhados pelos sujeitos de pesquisa em relação à Rua da Lama da década pesquisada. Ressalta-se que os símbolos identificados mostram-se compartilhados nas falas dos participantes, deixando entrever uma construção simbólica que se deu ao longo do tempo e se torna expressiva na contemporaneidade para os entrevistados. Assim, os símbolos ganharam notoriedade, uma vez que foram produzidos, reproduzidos, apropriados e reapropriados pelos indivíduos a partir de suas experiências e vivências compartilhadas. Dessa forma, tais apropriações simbólicas mostram-se essenciais no processo de interpretação da realidade social

pelos sujeitos entrevistados. Diante disso, infere-se que os símbolos favoreceram a integração social do público frequentador na época.

Os principais símbolos destacados foram: a música que tocava na Lama, ponto de encontro na cidade; a comida servida nos bares da época; e, o mais significativo, a Lama como um espaço de liberdade. Na análise da pesquisadora, a liberdade foi tida como relativa, uma vez que havia certos comportamentos considerados restritos a determinadas áreas e em determinados momentos. Assim, a maneira a partir da qual se lembra individualmente se constrói hoje relacionando as experiências vividas de forma coletiva no passado, uma vez que as narrativas foram marcadas por idas e vindas de ideias. Certeau (2007), em consonância com essa ideia, afirma que a memória não é organizada. Dessa forma, admite-se que a memória é parcialmente lembrada e, por isso, parcialmente esquecida. Nesse sentido, as lembranças tendem a transformações, reconstruções e ressignificações com o passar do tempo. Tal análise corrobora integralmente com o conceito de memória coletiva (BARROS; CARRIERI, 2015; HALBWACHS, 2006; NORA, 1993).

A terceira e última categoria mostrou-se importante para descortinar as ambiguidades e contradições da memória, visto que, na análise dos dados, as falas de campo evidenciam a Rua da Lama como um espaço de transgressão. Tal análise se mostrou interessante, uma vez que foi de encontro à primeira categoria, mostrada como um espaço-tempo romantizado. Aqui, fez-se uso do discurso não dito presente nas narrativas dos entrevistados. O símbolo de liberdade, destacado na segunda categoria, foi compartilhado pelos sujeitos de pesquisa, mas identificado pela pesquisadora de forma ampliada, manifestando-se através da transgressão. A transgressão foi classificada, assim, em duas vias: uma de comportamentos que batem de frente com a norma regente, a qual estabelece o limite de cada indivíduo na sociedade e a segunda, de comportamentos que eram entendidos como aceitáveis para os padrões da época.

A primeira via foi em relação às drogas consumidas no espaço-tempo. Poucos respondentes falaram abertamente sobre o uso de drogas no espaço. A maioria primeiramente negou e logo após minimizou tal aspecto, trazendo no discurso palavras no diminutivo, como "maconhazinha" e "fumadinha". Tais contradições e ambiguidades foram aqui analisadas como sendo fatos do passado processados em

função das necessidades do presente. Assim, foram sendo adaptados para as percepções que se tem contemporaneamente sobre o uso de drogas. Quando se está inserido no contexto constrói-se uma determinada visão, que, após sair de tal contexto, transforma-se e modifica-se ao longo do tempo.

Da mesma forma, pode-se afirmar que a memória se dá de forma fragmentada e que há diferentes visões de sujeitos que tiveram envolvimento em um mesmo espaço-tempo. Portanto, conclui-se que os significados presentes na memória são constantemente reapropriados, ressignificados e reconstruídos ao longo do tempo. Com isso, corrobora-se os pensamentos de Nora (1993), que afirma que a memória se preserva de forma atualizada e é marcada por símbolos.

A segunda via de transgressão foi identificada em relação ao comportamento tido como aceitável para os padrões da época. No contexto histórico e social pesquisado e no seio da efervescência cultural e política dos movimentos da época, o que era tido para a sociedade em geral como um comportamento aceitável no que dizia respeito aos jovens da época, na Lama os frequentadores sentiam-se autorizados a exceder o que se entendia como padrão. Assim, os comportamentos tidos como aceitáveis no espaço-tempo configuravam-se quase como uma revolução para a época, o que não se costumava encontrar em outros espaços na cidade. Contudo, na análise ficou nítido que os comportamentos também eram relativizados para estarem em concordância com a liberdade, supostamente compartilhada em tal espaço.

Dessa forma, as três categorias de análise desta dissertação trazem uma reflexão dos diferentes usos do passado para a reapropriação dos espaços e a própria reconstrução das memórias. Historicamente situados, os dados coletados através das narrativas foram reapropriados em função de aspectos do presente e ressignificados a partir das formas de pensar sobre o objeto também estando no presente.

Assim, como contribuição para o campo da Administração, este estudo revelou que as interpretações realizadas a partir dos dados captados mostram que as lembranças, por se tratarem de uma atividade humana, são em parte inconscientes, mas também podem ser seletivas, conscientes e relacionais. Evidencia-se, portanto,

certa intencionalidade nas falas, mesmo havendo lacunas, falhas e não linearidade. Dessa forma, afirma-se que a memória está em constante transformação e evolução devido às manipulações simbólicas do presente e ao esquecimento ao longo do tempo. Nesse contexto, conforme Adorisio (2014), o passado pode ser lembrado de diferentes formas ao longo do tempo.

Além disso, como contribuição teórica essa pesquisa vem fazer eco no uso dos estudos da memória no campo da Administração e nos Estudos Organizacionais. Para a contribuição prática tem-se o resgate das narrativas de antigos frequentadores do espaço Rua da Lama que serve como eventual informação para gestores que queiram trabalhar com tal espaço.

Para complementar as considerações finais aponta-se as limitações desse estudo. A primeira refere-se aos sujeitos de pesquisa entrevistados. A análise dos dados se deu a partir da memória do *corpus* coletado, o que não significa que possa haver outras formas de análise com narrativas coletadas de diferentes entrevistados. A segunda limitação se deu na fase de coleta de dados. Como a pesquisa focou no início desse espaço organizacional, passados 30 anos, não há registros documentais públicos sobre tal espaço.

Como conclusão das considerações finais ressalta-se que pretendeu-se por meio da análise dos dados, trazer uma contribuição para o meio acadêmico acerca dos temas simbolismo e memória nos campos da Administração e Estudos Organizacionais. Contudo, enfatiza-se que esta pesquisa foi uma das muitas possibilidades de análise referente a estes temas. Como sugestão para futuros estudos, no sentido de dar continuidade aos resultados alcançados, sugere-se utilizar como método de pesquisa uma etnografia adotando o referencial de memória em organizações para estudos em culturas organizacionais.

6 REFERÊNCIAS

ADORISIO, A. L. M. Organizational remembering as narrative: "Storying" the past in banking In: **Organization**. Jun., 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO. **Abia – setor em números**. São Paulo: ABIA, 2015. Disponível em: <<http://www.abia.org.br/vs/setoremnumeros.aspx>> Acesso em: 13 jan. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BARES E RESTAURANTES. **Abrasel – Trabalho, profissionalização e investimentos pelo desenvolvimento do Brasil**. Belo Horizonte: ABRASEL, 2015. Disponível em: <<http://www.abrasel.com.br/index.php/perfil-da-abrasel.html>> Acesso em: 13 jan. 2015.

BARBOSA, L. Cultura administrativa: uma nova perspectiva das relações entre antropologia e administração. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35. n. 4, p. 6 - 19, out./nov./dez, 1996.

BARBOSA, L. **Cultura e empresas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. **RAE**, v. 55, n. 2, março-abril, 2015.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p.39-63.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BORGO, I. A. **UFES: 40 anos de história**. Vitória: Edufes, 2014.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**; elements of the Sociology of corporate life. London: Heinemann, 1979.

BURRELL, G. Ciência normal, paradigmas, metáforas discursos e genealogias da análise. In: CLEGG, S; HARDY, C.; NORD, W. R. (Org.). **Handbook de estudos organizacionais**, v.1. São Paulo: Atlas, p. 439-462, 1999.

CARRIERI, A. P. Uma opção teórico-metodológica para pesquisa sobre cultura nas organizações. In: CARRIERI, A. P.; CAVEDON, N. R.; LEITE-DA-SILVA, A. R. **Cultura nas organizações**: uma abordagem contemporânea. Curitiba: Juruá, 2008.

CAVEDON, N. R. **Antropologia para administradores**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

CAVEDON, N. R., FACHIN, R. C. Homogeneidade *versus* Heterogeneidade cultural: um estudo em universidade pública. In: CARRIERI, A. P.; CAVEDON, N. R.; LEITE-DA-SILVA, A. R. **Cultura nas organizações**: uma abordagem contemporânea. Curitiba: Juruá, 2008.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2007.

CHANLAT, J. F. O ser humano, um ser espaço-temporal. In: CHANLAT, Jean-François (Coord.). **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, v. 1, 1996.

CLEGG, S. R.; HARDY, C. Introdução: organização e estudos organizacionais. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. (Orgs.). **Handbook de estudos organizacionais**. v. 1. São Paulo: Atlas, p. 27-57, 1999.

COSTA, A. S. M.; SARAIVA, L. A. S. Memória e formalização social do passado nas organizações. **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 6, p. 1761-1780, 2011.

DRUMOND, G. B.; FANTINEL, L. D. A Lama e as Lamas: significados de um espaço boêmio. In: **XXXIX Encontro da Anpad**. Belo Horizonte, 2015.

DOMINGUES, F. F.; GRIPP, E. C. M. B; FANTINEL, L. D. Cultura e jeitinho nas organizações: o caso do “Sofá da Hebe”, em Vitória, ES. In: **XXXIX Encontro da Anpad**. Belo Horizonte, 2015.

DOMINGUES, F. F.; GRIPP, E. C. M. B; Cultura Organizacional e Representações Sociais: um ensaio teórico. **Revista Competência**, v. 8, n. 1, p. 135-152, 2015.

ENSAIO GERAL. **Zé Moreira e Edvan Freitas**. Cenasmusicales, 2015. Disponível em: <<http://www.cenamusicales.com.br/?p=258>>. Acesso em 10 de Novembro de 2015.

FANTINEL, L. D. **Cultura organizacional, lugar e memória** – representações de espaço e tempo em dois restaurantes em Porto Alegre. 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FANTINEL, L.; CAVEDON, N. R. A cultura organizacional do restaurante Chalé da Praça XV em Porto Alegre: espaços e tempos sendo revelados. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, p. 6-37, 2010.

FANTINEL, L.; CAVEDON, N. R.; FISCHER, T. Produção de Significações do Espaço e Sociabilidade em um Café Artesanal de Salvador. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 1, p. 51-74, 2012.

FERNANDES, J. L.; CARVALHO, M. Por onde anda o que se oculta: o acesso a mundos sociais de consumidores problemáticos de drogas através do método do snowball. **Revista Toxicodependências**. Porto, v. 6, p. 17-28, 2000.

FLICK, U. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Editora Liber Livro, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

IPIRANGA, A. S. R. **A cultura das cidades e seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes**. RAM – Revista de Administração Mackenzie. v. 11, n. 1. São Paulo, jan/fev, p. 65-91, 2010.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Eds). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MINAYO, M. C. S.; Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MORGAN, G.; FROST, P; PONDY, L. Organizational symbolism. In: PONDY, L. et al (eds.). **Organizational Symbolism**. Connecticut: Jay Press, p. 3-35, 1983.

MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 2006.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.

NORA, P. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez, 1993.

PANDOLFI, R.; CALIMAN, N. F.; VASCONCELOS, J. G. M.; RAINHA, J. C. Cultura Organizacional e Espaços de Sociabilidade Urbana: o Caso da Rua Da Lama, Vitória (ES/BRASIL). XI Colóquio Internacional Sobre Poder Local. **Anais...** Salvador, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Bares e restaurantes. Vitória, 2015. Disponível em: <<http://www.vitoria.es.gov.br/cidade/bares-e-restaurantes>> Acesso em: 13 de jan. 2015.

ROWLINSON, M. Organizational memory: Narrative control and resistance. In: **Ephemera**, v 10(2), 2010.

ROWLINSON, M.; CASEY, A.; HANSEN, P.; MILLS, A. J. Narratives and memory in organizations. In: **Organization**. Jun., 2014.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Simbolismo e dinâmica nas organizações. In: Encontro de Estudos Organizacionais, **Anpad**. Belo Horizonte, 2008.

SCHEIN, H. E. Coming to a new awareness of organizational culture. In: **Sloan Management Review**, 1984.

SMIRCICH, L. Concepts of culture and organizational analysis. In.: Administrative Science Quarterly. Vol. 28, n. 3, **Organizational Culture**. Sep., p. 339-358, 1983.

SOARES, R. M. F.; FISCHER, T. Aqui aprendeu da mãe que aprendeu da mãe: memórias e significados do artesanato no território do Sisal/Bahia. In: Enanpad - Encontro Científico de Administração da ANPAD, 34.,2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURNER. B. A. Introduction. In: TURNER, B. A. (Ed). **Organizational Symbolism**. New York: De Gruyter, p. 1-11, 1990.

VEYNE, P. **Como se escreve a História**. Lisboa: Edições 70, 2008.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO



Programa de
Pós- Graduação
em Administração
UFES
Mestrado e Doutorado

Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Programa de Pós - Graduação em
Administração

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro que fui informado (a) sobre a pesquisa que tem como título "**SIMBOLISMOS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS: REDESCOBRINDO A RUA DA LAMA DA DÉCADA DE 1980**" e também sobre o seu objetivo: "**Como aspectos simbólicos relacionados à Rua da Lama se manifestam nas memórias presentes nas narrativas de sujeitos que a frequentaram durante a década de 1980?**".

Fui igualmente informado (a):

- Que não serei identificado e que as informações obtidas serão utilizadas exclusivamente para essa pesquisa, a qual terá como resultado Dissertação de Mestrado e possíveis artigos científicos;
- Que tenho a liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem nenhum prejuízo à minha pessoa;
- Do sigilo das informações coletadas e da possibilidade de desistência em qualquer circunstância e etapa da pesquisa.

Esta pesquisa é desenvolvida por Eduarda C. M. Barcelos Gripp, aluna do curso de Mestrado em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação da Profa. Dra. Letícia Dias Fantinel.

Vitória, ____ de _____ de 2015.

Assinaturas:

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA

Caracterização/Perfil:

- Idade:
- Gênero:
- Formação:
- Cidade em que morava na década de 1980:
- Frequentava a Rua da Lama na década de 1980?
- De que forma? (como cliente ou como empresário)

Entrevista Narrativa:

- 1) Qual é a sua história/relação com a Rua da Lama?
- 2) Como/Por que você começou a frequentar a Rua da Lama?
- 3) Que memórias/histórias marcantes você guarda da década de 1980 da Rua da Lama? (episódico)
- 4) O que a Rua da Lama significava na época para você?

Aspectos a serem questionados caso o respondente não aborde o tema espontaneamente:

- Você tem alguma relação afetiva com o espaço (com quem frequentava; apreço pelo espaço, histórias vividas, acontecimento marcante na vida)
- Onde se localizavam os bares dessa época? (Mostrar um mapa)
- Como eram esses bares (tanto a descrição da estrutura física como o que serviam)
- Como era o público que frequentava a Rua da Lama da década de 1980?